

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

**CINTIA ROSA DE OLIVEIRA**

**IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE:  
CAMINHANDO SOBRE O FIO DA NAVALHA**

**FRANCA**

**2008**

**CINTIA ROSA DE OLIVEIRA**

**IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE:  
CAMINHANDO SOBRE O FIO DA NAVALHA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.**

**Orientadora: Profa. Dra. Eliana Amábile Dancini**

**FRANCA**

**2008**

Oliveira, Cíntia Rosa de  
Imaginários e representações da morte : caminhando sobre o  
fio da navalha / Cíntia Rosa de Oliveira. –Franca : UNESP,2008

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de  
História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Serviço Social – Imaginário. 2.Educação - Imaginário.  
3.Morte – Representações imaginárias.

CDD –

**CINTIA ROSA DE OLIVEIRA**

**IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE:  
CAMINHANDO SOBRE O FIO DA NAVALHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente: \_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Eliana Amábile Dancini**

1º Examinador: \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Ubaldo Silveira (UNESP/Franca)**

2º Examinadora: \_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Célia Pezzolo de Carvalho (USP/Ribeirão Preto)**

Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

À inesquecível Julia, minha mãe, pelo carinho que me acolheu, pelo amor que me deu, e por ter sempre estimulado os meus estudos. A você minha querida, que em meu imaginário nunca deixou de existir, vai o meu eterno agradecimento.

## AGRADECIMENTOS

Em minha trajetória de vida, na formação da inquieta educadora, no percurso em direção ao hoje, encontrei vários seres trajados de “Arlequim”, saias sobrepostas, cores em arco-íris, luzes e sombras nos contornos do avesso. Teimosos, não me deixaram desanimar nas mais difíceis horas.

Quando o impossível parecia zerar os possíveis do horizonte, várias corporeidades do mundo real ou noológico se colocavam à frente, impulsionando-me em direção à luz. Um desses seres fantásticos é Deus, que me deu forças para trabalhar e dissertar com os meus demônios, me acolhendo sempre de braços abertos.

Outro ser se constitui na pessoa de minha orientadora Eliana, que me beneficiou com seu carinho, amizade e certos “puxões de orelha”. A ela, o muito obrigado. Juntamente com a Eliana, gostaria de dizer o meu muito obrigado às “Adrianas”, minhas queridas colegas de pós-graduação, que compartilharam comigo todos os momentos de aperto e de felicidade no caminhar do mestrado.

Agradeço também de forma muito especial, ao meu querido pai, Antônio, pelo acolhimento, apoio, carinho e estímulo manifestado pelas palavras: *levanta a cabeça minha filha.*

Registro também aqui os meus agradecimentos ao pessoal da “República do Café com Leite” (“Bule”, Alice, “Déia” e Eliana), pelo estímulo inicial; à diretora Marisa; à equipe de “Águas Claras” e aos alunos que participaram da pesquisa. Agradeço também ao meu querido aluno Abraão e às professoras “Mirinha”, Roseli e “Vivi”, por alimentarem a minha vontade de seguir em frente e a Dona “Piera”, por alimentar o meu corpo quando eu passava o dia todo escrevendo, e a minha alma, ao falar de Deus. Não poderia deixar de mencionar a minha gratidão pela amizade da professora Fernanda, que me muito me auxiliou em horas difíceis.

Fico grata também ao amor, ao carinho e ao estímulo oferecido pelo meu atual namorado Reginaldo. Muito obrigada, meu querido.

Agradeço de modo especial a minha “Vó Lena” e a minha amiga Keliane juntamente com toda a sua família, por estarem sempre prontos para me ouvir, acolher e acariciar, enfim, não sei o que seria de mim sem vocês, meus amores. Obrigada também ao meu amigo Marcio.

Enfim, a todos esses seres, mensageiros de uma aurora viva, deixo o meu reconhecimento pelo muito que me ajudaram.

OLIVEIRA, Cintia Rosa de. **Imaginários e representações da morte**: caminhando sobre o fio da navalha. 2008. 85 f. Dissertação(Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

## RESUMO

A presente dissertação tem como temática central o estudo do imaginário e das representações da morte, presentes no ideário de alguns estudantes da Escola Estadual “Águas Claras” (nome fictício). O recorte tempo/espaço se deu entre os anos de 2006 e 2007, em Pontal, SP, Brasil. Enfatizamos que trabalharemos com as diversas formas de morte real/simbólica que atinge as concepções de mundo, as utopias, os ecossistemas, as múltiplas memórias dos povos, entre outras mortes, cujas idéias procuramos explorar. Tendo os estudos de complexidade por aporte teórico, a temática delimitada estabelece uma conjunção entre os saberes e as práticas da condição de investigador/educador, preocupado em recosturar ciência e arte. Considerando que o nosso trabalho foi construído junto ao programa de “Pós-Graduação em Serviço Social”; pressupomos que a ação educativa constitui um dos traços da práxis do assistente social.

**Palavras-chaves:** morte - vida, imaginário, representações, escola - complexidade.

OLIVEIRA, Cintia Rosa de. **Imaginários e representações da morte**: caminhando sobre o fio da navalha. 2008. 85 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

### **ABSTRACT**

The present essay has as a central thematic the imaginary study and the death depiction prevailing in some students diaries at the Public School “Águas Claras” (fictitious name). The clipping time/space occurred between the years 2006 and 2007, in Pontal, SP, Brazil. Emphasizing that we are going to work with various ways of real/symbolic death that reach the world’s conception, the utopia, the ecosystems, the human race multiple memories out of other death which ideas we try to explore. The studies of complexity by theoretical assistance, the delimited theme prescribes a conjunction between knowledge and the practice condition of the researcher/ educator concerned about re-clipping science and art. Considering that this study was formed connected with the Post graduation in Social Work; we imply that educational action constitutes one of the praxis characteristic of social assistant.

**Key words:** death - life, imaginary, representations, school - complexity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>PRIMEIRO MOVIMENTO.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Tempos, memórias e histórias nos olhos videntes de historiadores         que se historiam.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 A morte: imaginários e representações iniciais de um grupo de pessoas         tendo a escola, por cenário móvel movediço.....</b>	<b>33</b>
<b>SEGUNDO MOVIMENTO.....</b>	<b>56</b>
<b>2.1 Os encantados e as encantarias das mortes em trajes arlequinais:         a cidade de Pontal vista pelos olhos de hoje .....</b>	<b>56</b>
<b>2.2 Imagens e representações da morte: o mundo bate à porta         e os alunos deixam entrar .....</b>	<b>71</b>
<b>CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS E PROVÁVEIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

*Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento,  
Onde está o conhecimento que perdemos na informação*  
(ELIOT, Stearns)

O nosso trabalho tem por temática fundante o estudo do imaginário e das representações das diversas formas de morte real e simbólica presentes no ideário de alguns alunos do ensino fundamental, entre 2006 e 2007, na Escola Estadual “Águas Claras”, aportada num retalho de mundo, ou seja, a cidade de Pontal. O nome da escola é fictício e foi escolhido por representar um olhar transparente na infinidade das possibilidades de ensino/aprendizagem propiciadas por essa instituição escolar. Dessa forma, “as águas”, massa indiferenciada, representam a infinidade dos possíveis, contém todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção, ou seja, de perda (CHEVALIER, 1996). Nesse meio, comparamos a história da pesquisa com a viagem de um navegante.

Ressaltamos também, que diante da inviabilidade de obtermos uma autorização formal de todos os envolvidos nesse trabalho, não os identificamos com os seus nomes de origem. Apesar disso, utilizamos denominações fictícias para que a identidade de cada participante não morresse na diversidade dos trabalhos que expusemos. Considerando que a temática da pesquisa partiu de uma identificação individual/coletiva, que envolveu uma relação muito pessoal com as pessoas que dela fizeram parte, escrevi, em muitos momentos, na primeira pessoa do singular, assumindo os riscos e a autoria das minhas palavras.

O projeto que desenvolvemos objetivou iniciar os discentes em uma reflexão sobre temas importantes para enfrentarem a vida no mundo planetário integrando as disciplinas existentes no programa de ensino, ao trabalharmos com os estudos de complexidade; que não vêm para complicar, mas sim, facilitar e ajudar na associação e na compreensão de idéias. Do ponto de vista etimológico, a palavra latina “complexidade”, provém de *complectere*, cuja raiz *plectere*, significa trançar, enlaçar. Nesse sentido, é preciso destacar que o termo *planetarização* (MORIN, 2003a) é mais complexo que “globalização”. De origem antropológica, essa denominação demonstra a inserção simbiótica e, ao mesmo tempo, estranha da humanidade no planeta *Terra*. Como a mitológica ave Fênix, que renasce das cinzas, buscamos uma ressurreição de uma educação voltada para os mais diversos valores,

tais como o respeito, a solidariedade e o senso de responsabilidade, capazes de nos proporcionar uma vivência saudável no ecossistema em que estamos inseridos.

A importância desse trabalho para a produção científica, mais especificamente para o serviço social, reside na construção de uma ciência aberta que englobe todo o profissional direto ou indiretamente envolvido com a prática educativa. A pós-modernidade (MORIN, 2000), movimento que ganha corpo a partir do final do século XX, trouxe consigo paradigmas que revolucionaram a pesquisa científica. A condição do aberto, do ambíguo, viabilizou um olhar *poliocular*. Qualquer que seja o ponto a partir do qual se observa, não há separação entre objeto e sujeito da observação. O observador interfere no observado, mudando até sua natureza mais interna e vive-versa.

Enfatizamos que a morte é um tema interdito, que ultrapassa os muros escolares, necessitando ser encarada por todos os profissionais compromissados com o bem estar das pessoas que por eles passam. Aqui, temos um exemplo de como um tema doloroso, pode ser tratado de forma abrangente e envolvente por meio de atividades variadas, sendo as representações, como os desenhos, um recurso muito utilizado por psicólogos no tratamento de pessoas, em especial, crianças que passam por traumas. Assim, os profissionais das mais diversas áreas do saber, devem conforme Morin (2005, p. 64), ter como pano de fundo, uma ciência:

[...] que traga possibilidades de autoconhecimento, abra-se para a solidariedade cósmica, não desintegre o rosto dos seres e dos entes, reconheça o mistério em todas as coisas, estabeleça um princípio de ação que não ordene, mas organize, não manipule, mas comunique, não dirija, mas estimule.

Ressaltamos a ausência de capítulos teóricos nessa dissertação, estando a teoria imersa no oceano de palavras, que muito mais do que descrever o objeto, busca conhecer as experiências sociais do sujeito-humano que guarda a tríade espécie/indivíduo/sócio. Justamente por necessidade de rompimento com conceitos estabelecidos, procuramos o quanto possível, não fazer citações teóricas com o propósito de exercitar o ato de insubordinação teoricamente instigado por Morin; interpretando o imaginário e a representação da vida e da morte sem aprisioná-los em categorias e capítulos teóricos. Assim, a investigação em torno das idéias dos nossos pequenos historiadores e a releitura de escritos de alguns pensadores da complexidade, matizam toda a nossa pesquisa (MORIN, 2005).

A partir das leituras de teóricos da complexidade com Maffesoli, Edgar de Assis Carvalho e o insubstituível Edgar Morin, trabalhamos com educação, complexidade, ética,

*transdisciplinaridade*, identidade e diversidade cultural, categorias teóricas colocadas na dissertação apenas como alinhavo. Consideramos que a construção do conhecimento deva estar articulada ao desvendamento, à compreensão de situações históricas concretas, envolvendo junção de saberes artísticos e científicos que contribuem para o embelezamento da vida na Terra.

Tendo em vista o panorama sinteticamente apresentado, podemos testemunhar a queda de um dos paradigmas da ciência moderna que se refere à existência de uma verdade única diante dos fenômenos da vida e da morte. A partir da complexidade, as verdades são possíveis e provisórias, recaindo sobre elas, um nível extraordinário de incertezas, diante de um mundo onde as guerras, a fome, a miséria, o desemprego, a deterioração do ecossistema, a desestabilização dos valores, são a face aparente de uma humanidade que está envolta em uma profunda crise, à busca de novos caminhos. A história, então, apresenta-se como uma viagem, em que os homens, reunidos sobre o convés da nave *Terra*, navegam por um mar revolto.

Navegando, caminhando, muitas vezes, no fio da navalha, pela incerteza da tão desejada chegada, a dissertação foi intitulada “Imaginários e Representações da Morte: caminhando sobre o fio da navalha”; em resposta ao meu anseio em aprender a aprender, de educar para a vida; ao explorar o desconhecido, da vida/morte, pela observação de pequenas mudanças e da correção de grandes rotas. Para Piaget *rememorado* por Morin (2002), novos estímulos estabelecem uma relação com a estrutura cognitiva prévia, gerando novas experiências a despeito das tempestades.

Em uma época em que se reconhece a realidade como complexa, torna-se necessário pensar em unicidade, isto é, o *Ser* como um todo em relação ao seu ambiente. Não é mais possível desvincular o sujeito da ação. A educação exerce papel importante na construção do sujeito. Nesse sentido, também influencia a formação de uma nova civilização de forma recursiva e retroativa; se entendermos por educação um processo mais abrangente, que envolva não só o conhecimento, mas principalmente a formação da condição humana (MORIN, 2005). É nesse sentido que a palavra educador é mais abrangente que professor. Esse profissional, no ambiente escolar, atua na maioria das vezes como professor/educador. Considerando que em cada relação educativa está presente uma formação política, pensamos que o olhar do educador deve recair sobre o compromisso com a arte de educar e de viver.

Há um mundo dentro de nós... cósmico, físico, biológico, químico, cultural, espiritual. Conhecer essa condição humana implica em nos situarmos dentro e como parte do *Universo*. Somos uma pequena parte do todo, mas com a presença do todo dentro de nós. Nossa identidade global, planetária encontra-se entrelaçada com a identidade pessoal. Essa é a

condição ecológica do ser humano, a de pertencer, ao mesmo tempo, a uma identidade planetária e biosférica, distinguindo-se na natureza por sua cultura, linguagem, sapiência e demência (MORIN, 2005).

Outra categoria teórica imprescindível para essa temática de pesquisa é a ética. Entendamos por ética a responsabilidade de arcar com os nossos atos e os seus desdobramentos. Uma ética política supõe a restauração do sujeito responsável, sendo esta, uma pré-condição para o conhecimento da realidade (MORIN, 1989). A restauração do sujeito comporta a exigência do auto-exame, a consciência da responsabilidade pessoal e o encargo autônomo da ética, a auto-ética. Devemos dizer que essa ética não nos é dada, precisamos construí-la, e segundo Morin (2000), tal construção implica um problema de educação, fundamental, talvez, desde o início da escolaridade. Essa idéia remete ao conhecido paradoxo de quem educará os educadores, que deveriam educar, mas que ao mesmo tempo não receberam em sua formação básica o sentido da complexidade do mundo em que vivemos.

Falar em ética exige trabalhar também com a questão da estética, porque a estética implica em uma ética que, por decorrência, corresponde a um tipo de estética. Particularmente, essa discussão em torno da estética é extremamente importante, levando-se em conta o contexto histórico vivenciado a partir do final do século XX, quando a estética deixa de ser considerada como algo fútil, portanto esvaziada de importância, e passa a se constituir num novo paradigma para o terceiro milênio. Por estética, assumimos como sendo o fato de ter uma posição diante das coisas e conferir, portanto, uma práxis.

Segundo Morin (2002), a estética situa-se na confluência onde se fecundam os dois pensamentos, o mítico e o racional, envolvendo o universo real e o imaginário. Tudo o que é estético nos dá prazer, e ao mesmo tempo, tristeza, lágrimas e sofrimentos, mas também desperta a nossa consciência. Estimulando as potências inconscientes de empatia existentes em nós, torna-nos de maneira provisória, melhores, compreensivos, em concordância com aqueles que nossa desumanidade despreza. Assim, a estética não somente cria belezas, mas ajuda a suportar a carga insuportável da realidade e a enfrentar a crueldade do mundo.

Estética, etimologicamente vem da religião, *religare* em latim, e está para a religião, entendida como algo que liga as pessoas numa comunidade de destinos, em um grupo que possui uma forte identificação entre os seus constituintes. Refere-se ao prazer do sentido, ao jogo das formas com força da natureza, a inclusão do fútil, e tudo isso, *complexifica* a sociedade. Na pós-modernidade a estética está relacionada ao nascimento de uma nova cultura, sendo isso, uma espécie de *contra-cultura*. Entendemos a cultura, “pelo conjunto de

hábitos, costumes, práticas, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração” (MORIN, 2002).

No que diz respeito à reflexão sobre meio ambiente, conceito muito utilizado nessa dissertação, há um grande embate teórico especialmente no universo das ciências ecológicas e da terra, da cosmologia e da astronomia. Em vários textos que se referem à questão ambiental, é freqüente o uso indiscriminado dos conceitos meio ambiente, natureza e ecologia, como se significassem a mesma coisa. A noção de meio acaba por ser muito reducionista à medida que ela evoca apenas características físicas e forças mecânicas.

Relativamente, a noção de ambiente tem uma abrangência maior, ao implicar um envolvimento planetário, o que ainda torna essa definição muito vaga. A visão de natureza, por outro lado, peca por evocar um ser matricial, uma fonte de vida, ela própria, viva também. Essa idéia é poeticamente profunda, mas ainda, cientificamente débil. Todas as três esquecem a característica mais importante do meio, do ambiente e da natureza que é o seu caráter auto-organizado e organizacional. É nesse sentido, que Morin prefere substituir esses três conceitos pela idéia de ecossistema, por comportar aquilo que está ausente nos outros conceitos.

O conceito de ecossistema constitui um salto científico de qualidade englobando o ambiente físico, *biótipo*, e o conjunto das espécies vivas, *biocenose*, de um determinado espaço ou recinto (MORIN, 2000). Toda essa discussão acaba por desembocar na idéia de que para trabalhar as questões mais variadas, próprias de uma sociedade hipercomplexa, é necessário tecer junto para atender a complexidade planetária.

Diante da crescente importância da questão ecológica, principalmente, no início do século XXI, há que se incorporar ao processo educativo, a educação ambiental.

As diversas catástrofes ambientais alimentam as idéias em relação à possibilidade da *finitude*, de pessoas e dos recursos naturais mundiais. Uma profunda conscientização dos estudantes em torno de tais questões é de suma importância e urgência e um dos elementos intervenientes para a mudança no tipo de relação da cultura com a natureza, e para garantir a diversidade da vida na terra, necessária à sobrevivência humana. Não nos esqueceremos também de trabalhar a não valorização e conservação dos guardiões de nossa memória, ou seja, dos objetos *imajados*. Na cidade de Pontal, desenvolvemos um trabalho voltado ao conhecimento do seu patrimônio sócio-cultural, cuja conservação, torna-se indispensável ao bem estar da população local e dos seus visitantes.

Diante da grande demanda para a conservação do ecossistema não devemos nos esquecer da constatada necessidade de cuidarmos do próprio corpo, zelando pela nossa integridade física e mental. Apesar dos trabalhos efetuados na escola para conter a

violência, verifiquei que ela, física e moralmente, encontra-se presente no cotidiano escolar sob a forma de agressões das mais diversas. Vivemos em uma sociedade na qual a violência corporal, moral e cultural, estão cada vez mais banalizadas diante da imensidão de acontecimentos presentes no panorama geral brasileiro e tão disseminadas no lócus da nossa pesquisa.

Podemos afirmar que a amplitude de valores indispensáveis a um bom convívio social, necessita ser resgatada das cinzas, assim como o foi a ave Fênix. Desse modo, trabalharemos no sentido de transformar a cinza, materializada pela violência, pelo desleixo com o nosso ecossistema, pela falta de respeito e, sobretudo de amor, ao próximo e a si mesmo, em uma linda e colorida Fênix, representada pela prática de uma educação voltada a um modo de pensar e de agir diferente; dando às cinzas, todo um colorido que ainda pode ser visto em nosso planeta azul.

A pesquisa empírica nos trouxe a oportunidade de contribuir para a formação de educadores, para a (re) significação da idéia de solidariedade e para o (re) nascimento da esperança e da crença na obtenção de uma vida/morte mais digna. Então, como uma embarcação movida em águas incertas, nomeamos os quatro capítulos da dissertação dentro de dois movimentos. O primeiro deles conta a história da própria pesquisa, partindo da idéia de que nenhum investigador procura o conhecimento sem algo que o instigue, ou seja, sem o demônio que o atrai para desenvolvimento de um tema. O segundo capítulo traz as primeiras imagens e as representações dos alunos em torno do tema proposto. No primeiro capítulo do segundo movimento, revestiremos a morte/vida em trajes de arlequim ao expormos algumas produções que resultaram de pesquisas em torno do patrimônio histórico de Pontal. No último capítulo trabalharemos a idéia de morte/vida relacionadas com algumas imagens construídas e reconstruídas neste começo de século. Por fim, realizaremos algumas considerações sobre a aprendizagem mútua obtida pela relação entre pesquisador/pesquisado. Com âncora no “pensamento complexo”, consideraremos que é possível estudar o todo a partir de um fragmento de mundo.

## PRIMEIRO MOVIMENTO

### CAPÍTULO 1 TEMPOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NOS OLHOS VIDENTES DE HISTORIADORES QUE SE HISTORIAM

*Sempre pus nos meus escritos toda a minha vida  
e toda a minha pessoa*  
(NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm)

Neste primeiro capítulo pretendemos historiar a pesquisa. Partimos do princípio teórico de que nenhum investigador procura o conhecimento sem Eros, sem paixão (MORIN, 2002, p. 40). Sob a metáfora da abertura, esses escritos são a porta de entrada livre aos leitores para que possam encontrar em toda essa floresta de palavras, fragmentos de suas vidas e mortes, e trilhar muitos e diversos caminhos. Edgar Morin, diz que uma vida assim como um rosto, é um teatro onde atuam múltiplos atores. Cada um enfrenta descontinuidades pessoais na aventura desconhecida de viver. A morte, por exemplo, é uma perda geradora de sentimentos vários, fomentando diferentes formas de pensar e de agir, atingindo-nos individualmente enquanto sujeitos únicos, e coletivamente, enquanto membros da mesma espécie e sociedade.

Morin (2002, p. 40) diz que o Eros “que nunca, mas nunca mesmo conheceu lei, transgredir as regras, as convenções e as interdições”, provoca uma abertura ao mundo<sup>1</sup>, revelado pela curiosidade, pelo questionamento, pela investigação e pela paixão de conhecer. Essa paixão nos causa encantos e desencantos diante do nascer e do morrer, ganhando uma beleza peculiar, ao ser construída por participantes que nos transmitiram um pouco de suas sensibilidades por meio das diversas e diversificadas representações feitas em torno das faces da morte. Uma dessas faces é a *morte/vida* da própria pesquisa, historiada por uma historiadora e, como tal, não realiza um trabalho, sozinha. Assim, a mestrandia pôde contar com a ajuda dos seus alunos, verdadeiros investigadores, que descobriram parte da sua própria história ao trabalhar a morte de forma complexa.

O livro *O método 4* (MORIN, 2001b, p. 139), nos traz o conceito de noosfera para designar as coisas do espírito: idéias, saberes, crenças, mitos, lendas, onde deuses, demônios e gênios ganham vida por intermédio da crença e da fé dos homens. Essas entidades

---

<sup>1</sup> Morin estimula a promoção de um novo paradigma, guiado pela prática transdisciplinar, capaz de promover a comunicação entre conhecimentos e saberes (MORIN, 1995).

reproduzem-se nos espíritos por meio da educação, e com ela, obtemos os frutos semeados na escola em torno de um tema ímpar na vida de cada ser humano, como o sentido da vida. A prioridade que se dá hoje à questão do sentido da existência está diretamente relacionada com a valorização do simbolismo e do mito. João Batista Cintra Ribas (2001) em um artigo presente no livro “*Antropos e psique*” diz que “toda necessidade de sentido está relacionada ao anseio de pertencer e de ser acolhido no seio de um grupo”. Essa idéia pode ser complementada com a seguinte frase: “A necessidade do outro é radical; mostra a incompletude do Ego/Eu sem reconhecimento, amizade, amor” (MORIN, 2002, p. 79).

A construção do sentido é possibilitada pela capacidade de simbolização, que por sua vez, alimenta o nosso próprio universo simbólico cultural. Essa habilidade caracteriza o ser humano, fazendo-o responsável pelo que constrói. Na base da simbolização está um terceiro elemento, o símbolo. Quando dizemos que o branco significa paz, a cor é o suporte físico e paz é o valor. No Ocidente, o negro assinala o luto, enquanto, na China, a cor utilizada nas cerimônias fúnebres é o branco, índice da prosperidade e da felicidade que o falecido encontrará no além - túmulo. Essas ligações não são diretas nem naturais. Foram necessárias as simbolizações, que ligaram as cores aos valores. A naturalidade com que percebemos tais ligações está também presente em nosso imaginário e em nossas representações em torno da morte/vida. Por tudo isso, a antropologia, além de outros conhecimentos, chama para si a análise da morte, que segundo Morin (1999), seria a característica mais humana e cultural do *anthropos*. É por meio das atitudes e das crenças perante tal fenômeno, que o homem distingue-se mais claramente dos demais seres vivos.

Podemos dizer que os seres humanos, como a sociedade, têm uma capacidade infinita de sobrevivência. Há um ditado que diz: “A esperança é a última que morre”. No entanto, inúmeros sábios e filósofos observam que o descontentamento está na raiz do ser humano, abrindo-lhe o espaço de que precisa para buscar, por si mesmo, a satisfação. Catão e Villela (1994) em seu livro “O monopólio do sagrado”, diz que o pensamento vai propiciar neste mesmo ser, a criação da necessidade de se posicionar diante da existência. Impõe-lhe por assim dizer, o gosto de ser livre e responsável. Dessa forma, podemos dizer que pensar é assumir a condição de ser humano, com liberdade e responsabilidade. A consciência de responsabilidade, segundo Morin (2005, p. 100), é a de um indivíduo-sujeito dotado de autonomia e ao mesmo tempo, “dependente como toda autonomia”. A responsabilidade necessita ser irrigada pelo sentimento de solidariedade e de pertencimento a uma comunidade. Devemos assumir a responsabilidade por nossa vida e relação com os outros. Na verdade, quando se fundamenta sobre a existência humana, o ato de pensar torna-se indispensável para

a humanidade e continua sendo a grande alavanca da esperança. Só é possível pensar o ser humano, indivíduo ou sociedade, a partir de si mesmo, de sua experiência de vida ou, em outras palavras, do seu posicionamento pessoal e grupal diante da existência.

É na morte do corpo humano que encontramos a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo físico. Na morte encontram-se, chocam-se, ligam-se, o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito, como vimos anteriormente. Morin estabeleceu uma estreita relação entre a atitude diante da morte e a consciência de si mesmo, que ocorre no momento em que nos afirmamos como indivíduos. A etnologia confirma a relação morte-individualidade, demonstrando-nos que homens pertencentes aos grupos mais arcaicos, não abandonavam simplesmente os seus mortos sem a realização de algum rito.

Segundo Morin (2002) no livro “*O método 5*”, a morte humana comporta, ao mesmo tempo, a recusa do desaparecimento do indivíduo, que se exprime desde a “*Pré-História*”<sup>2</sup>. Para esse autor, as sepulturas *neandertalenses* desmistificaram a idéia da extrema brutalidade dos homens de *Neandertal* ao darem sepultura aos seus mortos, manifestando desde então, uma consciência de morte. Além disso, tudo indica que eles negavam a morte, pois os corpos eram acompanhados de suas armas e de comida, sendo que, em certas tumbas, os cadáveres eram colocados em posição fetal, como se esperassem por um renascimento. Desse mesmo modo, grande parte das práticas funerárias do Ocidente visa proteger os vivos do contágio da morte, e o período de luto, corresponde ao tempo de duração da decomposição do corpo, seguindo uma tendência de isolar a família do morto do resto da sociedade. É essa recusa da morte, que vai alimentar os mitos arcaicos da sobrevivência e do renascimento, além das concepções históricas da ressurreição, também conhecida como religião da salvação. Essa fantástica conjuntura na qual a morte é reconhecida como aniquilamento e, ao mesmo tempo negada, manifesta a co-presença paradoxal da consciência da morte, do trauma da morte, e da afirmação da vida após a morte. Morin estabeleceu uma estreita relação entre a atitude diante da morte e a consciência de si mesmo, que ocorre ao nos afirmarmos como indivíduos, ainda crianças, em torno dos oito anos de idade. Segundo Morin (2002, p. 47), “A violência do trauma provocado pelo que nega a individualidade aciona uma afirmação não menos poderosa da individualidade depois da morte”. A contradição gerada no sujeito pela desolação e pelo horror da morte física, em grande parte, pela decomposição do cadáver, torna-se ao mesmo tempo, a fonte de uma mitologia humana que gera exorcismos mágicos, religiosos e

---

<sup>2</sup> O conceito de pré-história foi superado por antropólogos ao afirmarem que todas as sociedades humanas possuem uma história.

filosóficos contra a morte. Ricardo (8ª série, 2006) resume a imagem, parte do senso-comum da morte, ao dizer que ela é *uma coisa feia*. Assim, ritos, funerais, enterros, cremações, cultos, túmulos, rezas, religiões, idéias de céu e inferno, marcam uma diversidade de culturas e os seus indivíduos. Percebemos o temor em relação à perda da individualidade com um comentário muito comum entre os entrevistados.

Tenho vários medos, mas o meu maior medo é o de morrer. Porque mesmo entendendo e acreditando na vida após a morte, não agüentaria ficar sem parentes, amigos e tudo mais (Aline, 7ª série, 2006).

A aluna Amanda (8ª série), acrescenta que tem medo de morrer antes de se formar, porque esse é o seu maior sonho. A reforma da morte, tantas vezes reiterada por Morin, exige que a inevitabilidade da mortalidade e o sonho da imortalidade sejam substituídos: “pela ambigüidade da amortalidade, condição indeterminada na qual o momento final de qualquer ser vivo não é visto como exclusão, solidão, abandono, degradação, porém, como sintoma de transformação, mutação metamorfose para outros estados do ser” (CARVALHO, 2003, p. 91).

A descoberta pelo homem de sua *finitude* gerou uma série de idéias que fizeram prevalecer, no decorrer das diversas civilizações, atitudes alteráveis, diante da morte, que são peculiaridades de sociedades num estágio particular de desenvolvimento. Segundo o historiador francês Philippe Áries (1977), no livro intitulado “*História da morte no ocidente*”, a atitude do homem diante da morte mudou muito ao longo dos séculos, sendo recente a forma como ela é encarada hoje.

Havia, no início da idade média, uma familiaridade com a morte, que era um acontecimento público. Ao pressenti-la, o moribundo se recolhia em seu quarto, acompanhado por parentes, amigos e vizinhos. O doente cumpria um ritual que consistia em pedir perdão por suas culpas, legar seus bens e esperar a morte chegar. Não havia um caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. O corpo era enterrado nos pátios das igrejas, que também eram palcos de festas populares e feiras. Mortos e vivos coexistiam no mesmo espaço. A partir de 1231 foram proibidos jogos, danças e feiras nos cemitérios. Começava a soar incômoda a proximidade entre mortos e vivos. As sepulturas, anônimas até o século XII, passaram a ser identificadas por inscrições, efígies e retratos, pois era importante preservar a identidade mesmo após a morte.

Conforme Áries (1977), a partir do século XVIII, a morte tomou um sentido dramático, exaltado. Passou a ser encarada como uma transgressão que roubava o homem de

seu cotidiano e de sua família. Inaugurava-se o culto aos cemitérios. O luto era exagerado. O personagem principal era a família, e não mais o morto. Não se temia mais a própria morte, mas a do outro. A partir da segunda metade do século XIX, a morte se transformou em interdito quando os parentes do moribundo tentavam poupá-lo, ao esconder a gravidade de seu estado. Em torno de 1930, a medicina mudou a representação social da morte, pois o indivíduo não morria mais em casa, entre parentes, mas no hospital, sozinho. Os avanços da ciência permitiram então prolongar a vida ou abreviá-la. Portanto, pacientes poderiam ser condenados por meses ou anos de vida vegetativa, ligados a tubos e aparelhos.

Nos séculos XX e XXI, a morte passa a ser negada e afastada do meio social anteriormente vivido pelo morto. Negamos a morte quando nos recusamos a falar dela (ELIAS, 2001). Gabriela, como a maioria dos entrevistados, disse que o tema morte foi diretamente discutido na escola pela *primeira vez* (7ª série, 2006). As poucas vezes que nos permitirmos falar sobre esse assunto são aquelas em que não somos diretamente atingidos, mas até mesmo protegidos pela sua presença. Em outras palavras, quando defendemos ou não a pena de morte, o aborto e a eutanásia, assuntos tratados na Campanha da Fraternidade de 2008 com o tema: “... Escolha, pois, a vida”. De acordo com Carla, a morte é lembrada em acidentes, homicídios e suicídios, pois “passa tanto na TV que nós até nos acostumamos, mas é triste” (8ª série, 2006). Negamos a morte sempre que ela se refere a nossa própria realidade ou à daqueles a quem julgamos posse nossa. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando é necessário fazer alusões a ela, recorre-se freqüentemente a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. Desse modo, nossos pais no contexto atual, são freqüentemente mais omissos em falar com os filhos sobre a morte e o morrer em um mundo em que o aumento da expectativa de vida é ao mesmo tempo, um paradoxo diante do grande poder destrutivo do homem, que tem por marco significativo, os episódios nas cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki.

Sabendo disso, podemos pensar que os valores adotados por nossa sociedade, de origem indo-judaica, influenciam em nossos modos de pensar e agir, mesmo inconscientemente, não sendo, portanto, obras do acaso, mas sim, da construção de uma cultura em constante reconstrução. Um exemplo concreto dessa última afirmação ocorreu logo ao apresentarmos a proposta do projeto de pesquisa à direção da escola. Esta narrativa se encontra em um diário de campo que norteou os rumos da presente dissertação.

O projeto de pesquisa começou como uma viagem, visando alcançar certo destino, que imprevisivelmente terminou em outra direção. Desse modo fui navegando mar adentro, sem muita preocupação com o rumo, tendo apenas o anseio de querer viajar. Com o passar do

tempo, a minha bagagem foi aumentando, sendo necessário trocar as embarcações por outras maiores, a fim de acomodar melhor todos os pensamentos adquiridos. Em busca de novas maravilhas, acabei me desviando do caminho, pois um novo horizonte surgia à minha frente. A primeira idéia para pesquisa era uma acanhada tentativa de estudar o imaginário e as representações da morte em um lar de idosos, sendo essa, a pequena e primeira embarcação; tema intimamente ligado às minhas inquietações. Diante delas, eu procurava uma forma de disseminar o meu aprendizado de vida, advindo com a morte da minha mãe; dando palavra às vozes mais profundas da minha alma. Eu buscava estimular uma abertura maior no tratamento de pessoas que ansiassem falar de sua vida e da possibilidade da sua morte, tendo dessa forma, uma morte mais tranqüila e digna.

Iniciei a minha carreira como educadora na disciplina de história em uma escola pública na cidade de Franca/SP. Conforme navegava, constatei que em minha viagem faltava algo, o qual encontrei na educação, o ponto de intersecção entre o projeto antigo e o atual pela oportunidade de compartilhamento de idéias. Dessa forma, novas experiências vieram e a embarcação mudou de rumo outra vez com a ampliação do tema, pois o conceito de morte passou a ser trabalhado por mim, que aprendi a navegar, navegando, ao pôr em prática a concepção de método trazida pelo pensamento complexo segundo o qual: “Nada mais distante de nossa concepção de método do que aquela visão composta por um conjunto de receitas eficazes para chegar a um resultado previsto” (MORIN, 2003a, p.17). O método considerado como garantia da invariância da direção do caminho escolhido constitui-se em determinismos. Contudo, se partimos do pressuposto de que a realidade, regida pelo local e pelo mundial, presente na *biocosmosfera*, está em movimento, muda e se transforma; a concepção de método como programa, torna-se insuficiente diante de situações mutáveis e incertas; exigindo a presença de um sujeito pensante.

Diante da complexidade de nossas sociedades, devemos chamar atenção para a necessidade da formação de homens estrategistas. Podemos complementar estas idéias com o pressuposto de Morin (2003a, p. 18), ao dizer que:

[...] em situações complexas, nas quais, em um mesmo espaço e tempo, não há apenas ordem, mas também desordem, não há apenas determinismos, mas também acasos; em situações nas quais emerge a incerteza, é preciso a atitude estratégica do sujeito ante a ignorância, a desarmonia, a perplexidade e a lucidez.

O método em nossa concepção seria o caminho, ensaio gerativo e estratégia do pensamento. Ele pressupõe um sujeito pensante, capaz de aprender, inventar criar

estratégias e trilhas, escolhidas ao caminhar. O ensaio é um dos possíveis caminhos para a elaboração de nosso pensamento, considerando-se a dificuldade em estudar uma realidade que está em permanente movimento. O seu sentido e valor decorrem da proximidade do vivente, do caráter imperfeito e provisório da própria vida. O ensaio seria então, uma estratégia que não dissimula seu próprio erro, apesar de não renunciar a busca de verdades em sua experiência. A idéia de estratégia é indissociável da de arte. Morin diz que a arte é um elemento indispensável para o salto de qualidade dos descobrimentos científicos quanto ao seu diálogo com os mistérios do mundo. A capacidade para a arte é algo inerente à condição humana. Antoine de Saint-Exupéry (2006), no livro *“O pequeno príncipe”*, complementa essa última afirmação ao nos indagar sobre o motivo que levou o homem a criar lindos jardins. Sabemos que o jardim não é um alimento para o corpo, mas sim, para a alma, interpretada por nós em uma releitura de Morin (2002), como a parte feminina e sensível do espírito.

Dessa forma, o pensamento complexo vai estabelecer uma ligação entre o estudo científico e o artístico conforme comentado anteriormente. A conjunção é uma característica desse pensamento, que procura re-costurar o que foi cindido em certos momentos da trajetória humana, principalmente durante a história moderna. Na complexidade, a dimensão prosaica e poética de nossos escritos, integra-se e complementa-se ampliando a consciência que cada sujeito tem de si mesmo e também do mundo. Sabemos que desde tempos remotos o criativo homem é capaz de criar e recriar as suas ações, o seu ecossistema, demonstrando que a arte pode fazer parte de qualquer atividade humana. Sendo assim, estimulamos o desenvolvimento de um senso crítico nos alunos, para que pudessem melhor visualizar a proximidade da arte em seu meio, valorizando e recriando a sua cultura.

Ao mesmo tempo, a concepção de método de acordo com os estudos de complexidade, inclui também a precariedade do pensar e a falta de fundamento do conhecer. De acordo com esse pensamento, em um trabalho transdisciplinar<sup>3</sup>, o cérebro humano é incapaz nesse momento de afirmar, com total segurança, que a realidade observada e apreendida corresponde, fidedignamente, à realidade existente fora do processo de observação e sem a presença do observado (MORIN, 2000).

As idéias, as mitologias, as religiões, as ideologias, as teorias podem ser consideradas como construções elaboradas por todo o corpo humano, pois o homem imagina, representa, não somente com o cérebro. Cada célula de seu corpo é um mini-cérebro. Assim, todo o corpo pensa.

---

<sup>3</sup> A transdisciplinaridade se caracteriza geralmente por esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas (MORIN, 2000).

Por isso, somos levados a pensar que a apropriação monopolista da idéia de verdade seria a maior fonte de erro, pois toda verdade depende de suas condições de formação ou existência (MORIN, 2003a). Tendo em vista esse último panorama, podemos testemunhar a queda de um dos paradigmas da ciência moderna que se refere à existência de uma verdade única diante dos fenômenos da vida e da morte. A partir da complexidade, as verdades são possíveis e provisórias, recaindo sobre elas, um nível extraordinário de incertezas, diante de um mundo onde as guerras, a fome, a miséria, o desemprego, a deterioração do ecossistema, a desestabilização dos valores, são a face aparente de uma humanidade que está envolta em uma profunda crise, em busca de novos caminhos. A história, então, apresenta-se como uma viagem, em que o homem, reunido sobre o convés da nave “Terra” navega por um mar revolto.

Navegando, caminhando, muitas vezes, no fio da navalha, pela incerteza da chegada, a tão desejada dissertação foi intitulada: “Imaginários e representações da morte: caminhando sobre o fio da navalha”; em resposta ao meu anseio de aprender a aprender, de educar para a vida; ao explorar o desconhecido da *vida/morte*, com a observação de pequenas mudanças e a correção de grandes rotas. Em uma releitura de Piaget, Morin escreve que novos estímulos estabelecem uma relação com a estrutura cognitiva prévia, gerando novas experiências a despeito das tempestades.

A minha primeira impressão ao chegar, em 2006, no local pesquisado, foi de estranhamento, mal estar, como se estivesse no fim do mundo. Pontal, cidade pequena, contém em média pouco mais de trinta mil habitantes, voltada à atividade agrícola, um tanto suja, possui uma rodoviária e poucas praças mal cuidadas. Essa idéia foi compartilhada pelas ilustrações, pelos comentários, pelos trechos das paródias e dos poemas feitos pelos *alunos/moradores*.



Eliana, 6<sup>a</sup> série, 2007.

Ela é um luxo  
Ela é sensual  
Ela é uma Deusa  
Mas mora em Pontal

Tem carro importado  
Ap. e celular  
Mas sua casa é  
No centro de Pontal

Lixo, lixo, lixo  
A cidade de Pontal  
É no meio do lixo  
Ô, ô, ô.

**Eliana, 6ª série, 2007.**

Sempre fui um grande amigo seu,  
Desculpe, eu preciso te dizer  
Crianças e idosos faleceram,  
E tem mais uns 500 para morrer

Este cheiro afeta o coração,  
Agora diz o que é que a gente faz  
Pode dizer sim ou dizer não  
Morar nesse lixo não dá mais.

**Marcos, 6ª série, 2007.**

Com o passar do tempo, a impressão anteriormente descrita, foi transmutando e pude notar certos traços próprios do lugar que acabou por influenciar, não só no desenvolvimento da pesquisa, mas, também na compreensão da alteridade expressa pelo estilo de vida de um povo.

O município tem suas atividades articuladas ao movimento com a terra, homens e coisas do mundo rural. Uma significativa parcela da população, originária das regiões situadas ao norte do país, vive direta ou indiretamente em função de atividades rurais, ligadas à cana-de-açúcar, cultivada e usinada com a interferência cada vez maior de tecnologia de ponta do setor. Esse desenvolvimento não se reverte na vida dos envolvidos nas mais simples e não menos importantes atividades do campo. Durante as comemorações do dia do trabalho, João comentou que “para arrumar emprego bom e não cortar cana é só estudar que você tem oportunidade” (8ª série, 2007). Esse é o retrato dos trabalhadores, que matriculam os seus filhos nas escolas públicas de Pontal.

A questão da violência física é bastante ignorada pela defesa pública local, segundo relatos de alunos e de moradores, sendo um traço preocupante para os profissionais de diversas áreas no retalho de mundo pesquisado, e no Brasil em geral. O desrespeito à alteridade, indivíduo e patrimônio histórico, é objetivado por violências várias, físicas e psicológicas na relação aluno/professor, aluno/aluno, aluno/coisa-pública e particular. Essas violências continuam a despeito dos esforços feitos pelas escolas para minorar esse quadro por meio de ações educativas. Os trabalhos desenvolvidos com os alunos são exemplos disso. Marta, inspetora da escola entrevistada por Ana (8ª série, 2007), disse que antes a cidade era mil vezes melhor porque “hoje em dia aumentou muito a criminalidade”. O aluno Gustavo (8ª série, 2007) registrou os dizeres de D. Maria, uma antiga moradora da cidade: “Na minha época Pontal era um lugar correto porque não tinha muita violência. Os alunos estudavam, respeitavam professores, funcionários; tinham disciplina. Por que não podia continuar assim, todos respeitando a todos, mostrando a sua educação?”

A escola Águas Claras pertence à rede estadual de ensino e está voltada ao ensino fundamental, de 5ª a 8ª série, nos três períodos do dia. Aos sábados e domingos, a escola abre para a “Escola da Família”; que desenvolve atividades várias envolvendo dança, música, jogos educativos, atividades esportivas e sessões de cinema. Podemos considerar esta unidade escolar um exemplo de organização física ao envolver todo o seu quadro de funcionários em um esforço conjunto pela manutenção e melhoria da escola; a despeito das dificuldades tão conhecidas no meio escolar, como a violência e o desinteresse pelo ensino de muitos alunos. No tocante aos recursos materiais, livros e outros equipamentos, é importante ressaltar que obtivemos um significativo avanço em 2008, atendendo em média a novecentos alunos.

Ao contrário da primeira impressão que tive da cidade, a escola, um prédio de dois andares, me causou um sentimento de bem estar, por ser muito bem cuidada e limpa, pintada com cores alegres e fortes, além de possuir um pequeno jardim na entrada.

Algo que me chamou atenção foi a oração diária feita coletivamente no pátio, em fila, antes do início das aulas. Os alunos também escutam, na medida do possível, uma mensagem, um poema ou um outro tipo de apresentação, a maioria delas, preparadas por eles, além de cantarem o hino nacional todas as sextas feiras, em um ato de respeito ao país.

Em relação ao estranhamento do corpo escolar pela temática da pesquisa, Morin (2002) teoriza que a qualidade de sujeito garante a autonomia do indivíduo, mas apesar disso, podemos ser possuídos subjetivamente por um Deus, um mito, uma idéia, que, instalados como um vírus no programa egocêntrico nos comandará imperativamente, enquanto cremos servir voluntariamente.

Partindo agora para a descrição em torno dos alunos, personagens da nossa história, é importante dizer que a pesquisa foi apresentada a todas as séries do ensino fundamental em que tive a oportunidade de trabalhar. Apesar de ter focado no projeto as últimas séries, 7ª e 8ª, pelo meu pré-conceito de que tivessem um pouco mais de maturidade para melhor contribuir e aproveitarem a pesquisa em questão; notamos depois nas séries iniciais, 5ª e 6ª, uma surpreendente criatividade e interesse, na elaboração de belas representações em pequenos comentários, desenhos diversos, teatros e poemas. Constatamos que os menores possuem uma fértil imaginação desgastada nos anos posteriores. Algo acontece no meio do caminho levando os jovens a desencorajarem seu cultivo ao mundo da imaginação.

O interesse dos menores pelo assunto da pesquisa foi manifestado pela aluna Elaine (5ª série, 2006) que estava literalmente aos prantos na sala de aula, pois na noite anterior, ouviu no jornal nacional, que as catástrofes ambientais, os *Tsunames*, poderiam atingir o Brasil. Ela chorava, pois tinha *medo de morrer*. Dessa forma fui surpreendida pela sensibilização local diante de um acontecimento do global.

Peço licença ao fazer a generalização de que a primeira reação das sete salas comentadas foi a de espanto, manifestado tanto nos rostos quanto nos comentários da maioria dos alunos: “credo professora, que assunto sinistro!” havendo, porém, exceções, pois alguns, desde a apresentação do tema, interessaram-se muito pela pesquisa. A aluna Júlia, da 7ª série, se destacou por sua extrema curiosidade e vontade de se aprofundar no tema, trazendo inclusive revistas que falavam sobre a morte. Esse fato me proporcionou um grande estímulo para que desse continuidade à pesquisa, frente aos diversos problemas que vivenciei no dia a dia, como a indisciplina improdutiva, por exemplo. Fora do meu anseio, estava a idéia de disciplinar e de padronizar os alunos, pois isso se contrapunha à nossa proposta de trabalhar com a complexidade.

Os projetos me ajudaram a observar a grande criatividade, manifestada nos imaginários e nas representações dos alunos sobre os variados assuntos sugeridos. Fazemos referência aos temas abordados nos projetos da escola, pois neles, procuramos estimular não somente, a capacidade de interpretação em torno de conteúdos curriculares, mas também outras habilidades manifestadas em trabalhos ligados às produções artísticas.

Os trabalhos que *rememoriamos* nos mostram a forte presença da morte em nossas vidas pelo oceano de produções, que envolveram muitos saberes e conhecimentos, encontrados nas produções dos nossos personagens centrais. O primeiro tema trabalhado foi o “Projeto Música”, embasado da canção, “Que país é este?”, do cantor Renato Russo. Após as discussões em sala de aula, pedimos um comentário ilustrado sobre essa música, resultando

em comentários bem politizados, ilustrações lindas, que representavam as idéias e as imagens que os alunos possuem sobre o Brasil. No meio delas, encontramos uma paisagem urbana, contrastando-se com o feio cenário das favelas, um deputado com dinheiro na cueca, oficinas de desmanche de carro, e um mapa do Brasil com a Constituição sangrando; representando a morte da nossa cidadania.

O segundo tema girou em torno do “Projeto Copa do Mundo”, o qual trabalhamos com teatro e charges. Tivemos belas apresentações sobre a divisão da Alemanha pelo Muro de Berlim após a segunda guerra mundial. Um dos grupos encenou uma sala de aula onde alunos faziam perguntas e respostas sobre a história alemã reproduzindo a minha imagem, como professora de história da classe. O educador pode ser um exemplo aos outros. Em outra manifestação artística, tivemos uma apresentação humorística contando a história da separação de uma família com a construção do muro. Foi exatamente nessa produção, que alguns alunos da 5ª série se destacaram ao inventarem uma guerra entre as duas *Alemanhas*, a Oriental e a Ocidental, jogando papéis uns nos outros, simulando mortes e até uma trágica separação de um casal apaixonado. Quanto às charges, tivemos produções muito engraçadas, verdadeiros trabalhos artísticos que fogem do assunto focado.

Após conhecermos um pouquinho dos sujeitos da pesquisa, partimos para as anotações específicas do imaginário e da representação “das mortes”, iniciadas no segundo semestre de 2006. Nessa trajetória encontrei certos perigos, que apesar de desestimuladores, foram insuficientes para anular a minha vontade de seguir em frente. Esse desestímulo é registrado no meu diário de campo pelos escritos, “Quem educará os educadores?” pergunta Marx. *E os educandos?* pergunto eu<sup>4</sup>.

Durante as orientações debatemos a respeito das dificuldades diárias enfrentadas pelo professor em sala de aula, levando-me à reflexão sobre a necessidade de uma re-leitura das alteridades comportamentais dos alunos, para que houvesse um melhor discernimento entre punição e reeducação que visaram à elaboração de estratégias para o melhor andamento da pesquisa.

No terceiro bimestre, tive a oportunidade de dar continuidade aos projetos semestrais contidos no plano de ensino dos alunos, ligando-os quando possível ao projeto de mestrado, não perdendo de vista o meu objetivo maior de educar para a *vida/morte*, pois morremos, de tanto renascer. Assim como o florescer que continua, a despeito da morte de uma flor, muitos seres humanos nascem, outros morrem, e a vida segue o seu rumo na nave Terra.

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Cíntia Rosa de. Anotações do Diário de Campo, 2006.

Ainda no 3º bimestre, procurei alimentar o conteúdo curricular básico de cada série, com outras produções feitas em conjunto com os demais professores/educadores, de forma interdisciplinar. No meio escolar fala-se muito em *interdisciplinaridade* (ALMEIDA, 2001). Coloquei tal conceito teórico em prática, ao trabalhar o mesmo projeto na escola com as várias matérias do currículo, ainda que as barreiras disciplinares se rompessem completamente. Cada professor na sua individualidade enriqueceu o tema, proposto a todos, sob a sua ótica. A proposta foi elaborada em conjunto, mas a prática feita individualmente. Foi mais prático desse modo, mas nem sempre o mais prático significa o mais apropriado. A *transdisciplinaridade*<sup>5</sup> disseminada pelo pensamento complexo exige muito diálogo e o trabalhar junto continuamente. Na prática transdisciplinar, barreiras são rompidas em favor de uma unidade na diversidade onde as disciplinas se unem em um todo e a aprendizagem, estimulada pelas nossas propostas, envolvem *hologramaticamente* (MORIN, 2003a, p. 53) um todo. As produções seriam muito mais que a soma das partes, tendo face e características próprias, ao trazerem a miscigenação das disciplinas. É difícil colocar uma teoria em prática, mas segundo os ensinamentos do senso comum, o impossível é apenas alguma coisa que ninguém realizou ainda.

Dessa forma, dentro do projeto interdisciplinar “Relacionamento”, trabalhamos com todas as séries do fundamental o filme “A fuga das galinhas”. Pedimos aos alunos que fizessem um relatório coletivo e ilustrado em torno da busca da liberdade, por meio de uma releitura do filme, transposta à outra realidade de aprisionadores e aprisionados, que trouxesse um novo lema. O do filme era o de que a união faz a força, demonstrando a essência do pensamento complexo, ou seja, o trabalhar junto. Podemos pensar a liberdade como um sonho a ser realizado, estimulando os discentes a realizarem estratégias para a concretização dos seus desejos. Henri Atlan (2004, p. 26) nos lembra que essa liberdade, traz consigo uma grande responsabilidade, e ainda complementa: “a defesa da democratização é enfraquecida pela tomada de consciência das causas de nossos comportamentos, ou seja, mesmo que não passe de um mal-entendido saber que não somos livres, devemos proceder como se, de fato, o fôssemos” (ATLAN, 2004 p. 54). Assim, propusemos um trabalho comparativo, que pediu criatividade no estabelecimento de relações entre um filme e a vida cotidiana; dentro de nosso objetivo de ensinar/aprender navegando com os alunos. Notamos que os menores adoraram trabalhar com ilustrações, fazendo-as muito coloridas apesar do relatório, em sua maioria, reproduzir a história e as imagens do filme. Poucos conseguiram exercitar a comparação, mas

---

<sup>5</sup> Para promover a transdisciplinaridade precisamos, segundo Morin (2000), de um paradigma que promova a comunicação entre os diversos conhecimentos e saberes.

não deixaram de entender a mensagem principal do filme, pois foram os que mais gostaram da sua história. Ao contrário dos menores, as demais séries fizeram muito bem o exercício comparativo, elaborando trabalhos críticos que pintaram realidades e problemas do cotidiano local e global brasileiro, pelo grau superior de maturidade intelectual em relação aos demais. Esse fato reforça o pensamento do autor do livro “O pequeno príncipe”, ao dizer que os mais velhos preocupam-se muito com as coisas sérias, que muitas vezes não lhes dão prazer, alegria, contentamento no instante da vida em que mecanicamente realizam as suas tarefas. Quanto às ilustrações, as últimas séries do fundamental trabalharam muito mais com colagens, ao contrário dos menores, que preferiram as ilustrações manuais. Assim, o encantamento da pesquisa foi preenchido pela alegria das pequenas coisas como: as gargalhadas durante o filme, o entusiasmo de muitos docentes na criação ao refletir sobre relação pai e filho, racismo, deficiência física, meio ambiente, fome, impostos, crianças abandonadas e corrupção.

No 4º bimestre, trabalhamos *interdisciplinariamente*<sup>6</sup> com o projeto “Expressões da linguagem”. Pedimos aos alunos um relato a respeito de suas experiências e aprendizagens naquele ano nas diversas disciplinas, apresentando no relatório críticas e sugestões para melhorar a escola. Se eu pudesse representar os relatos das 8ªs séries por intermédio de uma cor, seria o roxo, cor da transfiguração, pois os alunos estavam em clima de despedida da escola, por ela não possuir o ensino médio. Esse fato provocou-lhes uma mudança que envolveu uma miscelânea de sentimentos, tais como tristeza pela despedida, expectativa, incerteza e agradecimento pelo que aprenderam na já saudosa escola. Com isso, podemos dizer de acordo com Morin, que o grande desafio da complexidade neste século XXI, seria o de ensinar as pessoas a viverem na incerteza, já que ninguém pode prever o futuro. Raul Seixas expressa muito bem o aprendizado da vivência na incerteza quando diz: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Enfim, neste último semestre, em meio a tanta correria por conta das provas e lançamento das notas finais, a pesquisadora encontrou-se um pouco aturdida; em grande parte, pela sua inexperiência frente à carreira de docente neste seu primeiro ano de efetivação. Apesar disso, não deixamos, orientanda e orientadora, de lançar o desafio final/inicial do ano de 2006. Foi proposto um questionário semi-aberto, com comentários e uma ilustração que manifestasse o imaginário em torno da figura da morte, cujas análises, faremos no próximo capítulo. A aplicação de um questionário dentro do pensamento complexo seria uma

---

<sup>6</sup> Nesse conceito, cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial e, desse modo, confirmar as fronteiras em vez de desmoroná-las (MORIN, 2005).

contradição, um erro, desde que não fosse repensado e não servisse para o aprendizado. Segundo Morin (2003a), o método inclui também a precariedade do pensar e a falta de fundamento do conhecer. Assim, a metodologia “errada” utilizada por nós com a vida, também comporta processos de utilização do erro, não só para que seja corrigido, mas também para favorecer o surgimento da possibilidade de evolução. Desse modo, findamos o ano com a sensação de ter realizado um trabalho incompleto. Quanto a isso, podemos dizer que a *tragédia de qualquer escrita reside na tensão entre seu inacabamento e a necessidade de se colocar um ponto final*. Esse pensamento traduziu a angústia de uma pesquisadora, que sentiu não ter feito o bastante, sentimento este, que tornou crescente a emergência de reflexões em torno de novas estratégias de pesquisa a serem desenvolvidas no ano que estava por nascer.

O centenário da cidade coincidiu perfeitamente com a nossa proposta de trabalho, que procurava também estudar a morte do patrimônio histórico, sendo esse, fonte de vida e memória da história local ao se voltar para as seguintes ações *transdisciplinares*:

- Pesquisa em livros publicados, jornais, fotos, entrevistas, (para trabalharmos com a história oral) internet e a história da cidade;
- Recolhimento de material visual dos principais monumentos (do passado e do presente) da cidade mencionada, tais como: igreja, estação ferroviária, casa da cultura, praça central, coreto, velório, cemitério, cristo (mirante) e bosque municipal;
- Reescrita de fatos considerados relevantes;
- Levantamento de dados por meio de pesquisa na biblioteca da escola, biblioteca municipal e casa da cultura, dispondo de recursos como: jornais, internet, entrevistas com moradores antigos da cidade;
- Realização entre os alunos de uma pesquisa sobre suas aptidões artísticas demonstrando a proximidade da arte no cotidiano (na linguagem, nos desenhos, na culinária, etc.);
- Elaboração de uma sessão de cinema (junto com as disciplinas: português, história e ciências) com os filmes: “Um dia depois de amanhã”, “Happy Feet”, “O Segredo dos Animais” e o documentário: “Aquecimento Global, e eu com isso?”;
- Apresentação de um trabalho artístico como dança, jogral, encenação ou música, ressaltando os problemas ambientais vivenciados atualmente.

Buscamos assim, um renascer de uma cultura que viesse valorizar nosso patrimônio sociocultural, por meio dos resgates de valores voltados a este fim, num renascer da paz, do respeito e do amor. Cabe ressaltar, que as estratégias não estão separadas por área, pois acreditamos na possibilidade da realização de um trabalho transdisciplinar, que não possui barreiras, mas cooperação entre as diversas disciplinas.

Assim, o anzol foi lançado ao mar pela pesquisadora com uma grande expectativa em torno das estratégias de pesquisa, que desenvolveria com os alunos nos dois semestres, tendo em suas mãos, uma grande oportunidade de trabalhar a morte de forma diversa. Porém, o inesperado aconteceu em forma de tragédia, afastando a pesquisadora de seu objetivo. Maior do que a tragédia física que sofreu em uma outra escola da mesma cidade, a mestrandia passou pela tragédia da morte da vontade do conhecer; perdendo o tão mencionado Eros, indispensável ao desenvolvimento de sua pesquisa; o fio da navalha, pois apesar de tudo, sentia a necessidade do cumprimento de um dever.

Grande parte dos educadores, principalmente aqueles que há muito tempo estão afastados de suas primeiras funções, possuem uma clara noção do que deve ser ética: o respeito ao outro. Mas, na hora de respeitar quem nos desrespeita, tudo fica muito difícil. Esses conceitos se ajustam bem à imagem de pessoas que se ajustam a uma imagem ideal de comportamento e respeito mútuo, distante da realidade. Iniciei então, um processo de grande sofrimento/crescimento envolvendo pela auto-análise uma revisão de conceitos, que me fizeram crescer como profissional e mais ainda, como pessoa. Isso me levou a pensar no princípio da retroatividade (um dos guias do pensar complexo): não só a causa age sobre o efeito, mas o efeito retroage informacionalmente sobre a causa, permitindo a autonomia organizacional do sistema. A vantagem, segundo esse sistema, é que as retroações negativas atuam como redução do desvio, estabilizando o sistema.

Como sabiam os primeiros gregos em sua vitória, a *hibris*, ou seja, soberba, conhece a morte. Eu renasci das cinzas, dentro de um processo que envolveu o princípio dialógico de ordem/desordem/(re)organização. E assim, a exemplo do nosso planeta, surgiu do caos, que também foi criativo, pois me convidou a um improviso no resgate da perda de minha identidade profissional e humana.

Educar pressupõe prestar atenção em nós mesmos, em nossos pensamentos e em nossas ações, na coerência entre eles e na possibilidade de nos auto-educarmos. Não basta enrijecer regras, engessar atitudes, comportamentos, mas instrumentalizar os educandos com o aprendizado não só de um pensamento crítico, mas reflexível e responsável; pela

formulação de estratégias novas, frente ao indeterminado, dos acasos, dos erros, das incertezas.

Retorno ao palco da movimentação, a escola, ao pescar os primeiros frutos de nossa proposta: os trabalhos de pesquisa e ilustração em torno da conservação da vida do patrimônio histórico da cidade, que completaria em outubro de 2007 um século. Com esse trabalho busquei despertar todos os alunos do fundamental para o conhecimento e o real valor dos diversos aspectos culturais e sociais desta mesma cidade, presentes numa variedade de fontes: arquivos, monumentos, locais de socialização, etc. Obtivemos trabalhos muito interessantes de todas as séries, recheados de fontes – fotos, entrevistas, analisadas no próximo capítulo.

Estimulei os alunos durante o ano de 2007, a elaborarem críticas e propostas construtivas a respeito do patrimônio histórico pesquisado anteriormente. Acreditamos que a crítica tem sentido desde que esteja a serviço do bem, que nesse caso específico estaria na elaboração de estratégias que visassem à melhoria do ecossistema onde vivem os alunos, envolvendo um processo de auto-organização (MORIN, 2005, p. 172). Nele, o ser vivo deve alimentar-se de energia, matéria e informação exteriores para sempre se regenerar. A compreensão dos problemas locais pode levar a uma tomada de consciência em torno das necessidades políticas, sociais e éticas locais, fomentando idéias ligadas ao progresso.

O meu barco navegou pelas águas temporais do segundo semestre, no qual desenvolvi com os alunos uma série de atividades que envolveram a arte da investigação, da produção de bom texto, da ilustração dando-nos um rico arsenal de fontes, ligadas à vida/morte bioantropológica (MORIN, 2002) de uma comunidade de destino. No terceiro bimestre, trabalhamos em um outro cenário, migrando da escola para uma visita aos diversos locais onde residiam os patrimônios históricos da cidade por eles habitada. Fizemos uma pequena reportagem registrada por mim, com o auxílio de fotos e filmagens, em torno do patrimônio histórico escolhido e um relatório ilustrado sobre as suas experiências comentadas no terceiro capítulo. Já no quarto bimestre encerramos as nossas atividades com uma apresentação oral aos turistas e aos colegas de classe, sobre as atrações turísticas da cidade tais como: a igreja, a estação ferroviária, a casa da cultura, a praça central, o coreto, o velório, o cemitério, o cristo e o bosque municipal.

Os grupos anteriores foram miscigenados para a obtenção de uma maior riqueza neste último trabalho, que se encerrou com entrevistas as quais nos deram a visão dos nossos historiadores, que historiaram à professora/pesquisadora o seu aprendizado em torno do tema “morte”.

Além disso, trabalhamos diversas outras atividades indiretamente ligadas ao nosso tema de pesquisa, resultando em fontes preciosas que não poderíamos descartar. Exibimos no segundo semestre os filmes: “Happy Feet” e “O Segredo dos Animais”, ambos mostrando a morte no reino animal, a morte da cidadania com a atividade; “Independência e Cidadania” e “Tragédia no 11 de Setembro”, rememorando pela arte, dois exemplos de morte. Guiados por uma melodia e rodeados de trabalhos artísticos, encerramos o projeto “Mutirão Verde” com uma passeata emocionante, um verdadeiro mutirão em prol da preservação do ecossistema que envolveu toda a equipe “Águas Claras”, alunos e funcionários.

Ao final da viagem, pude compreender melhor a idéia de que para conhecermos o outro, devemos estudá-lo objetivamente. Sabemos que cada idade tem suas experiências, segredos e verdades. Contudo, com a variedade sucessiva das idades, cada um, carrega no barco da vida, todas as idades. A infância e a adolescência não desaparecem na idade adulta, mas são recessivas. Dessa forma, tive a oportunidade de crescer com as experiências que acumulei no mar de calma e tempestade que é a vida/morte. Colocar em prática uma pesquisa é uma tarefa que exige perseverança, frente ao desgaste do profissional que o exerce. Sujeito este, que em meio a desencantos é também alimentado por encantos, sorrisos, risadas, produções criativas, surpresas frente a novas descobertas; pois sem energia, não vive o homem.

Dessa forma:

Para conhecer o outro, deve-se percebê-lo objetivamente, estudá-lo se possível, objetivamente, mas também se deve compreendê-lo subjetivamente. O desenvolvimento de um conhecimento objetivo do mundo deve avançar junto com um conhecimento intersubjetivo do outro (MORIN, 2002, p. 80).

Conhecemos o outro convivendo, pois, como diz o escritor Guimarães Rosa: *A vida é um verbo: experimentar* (apud PETRAGLIA, 1995, p. 58). Para Edgar Morin (2005, p.138): “a arte de viver é uma navegação difícil entre razão e paixão, sabedoria e loucura, prosa e poesia, correndo o risco de petrificar-se na razão ou de naufragar na loucura”. Assim, nos próximos capítulos, entraremos em contato com partículas extraídas de um mar de imaginários e de representações, frutos de uma experiência de vida/morte, imortalizadas nestes escritos.

## **CAPÍTULO 2 A MORTE: IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES INICIAIS DE UM GRUPO DE PESSOAS TENDO A ESCOLA, POR CENÁRIO MÓVEL MOVEDIÇO**

*Estamos entregues a esses Deuses, esses monstros, esses gigantes, nossos pensamentos; com frequência, esses beligerantes terríveis pisoteiam as nossas almas.*

(HUGO, Victor)

Neste momento da dissertação, trabalharemos com as primeiras impressões dos alunos sobre o imaginário e a representação da morte, utilizando várias fontes de dados, dentre elas: ilustrações, poesias e comentários, feitos pelos próprios discentes matriculados nas diversas séries do ensino fundamental. Essa primeira aproximação com o ideário dos discentes em torno do tema proposto foi feita no ambiente escolar. A escola, assim como todo o universo, está em movimento. A arte constitui a maior expressão das paixões humanas, e é nesse sentido que move o mundo.

Diferentemente do que dizem, poesia e ilustrações não são simples ornamentos estéticos, mas sim, “escolas de vida, de complexidade” (MORIN, 2002, p. 34). A arte, como linguagem simbólica, comporta uma face libertina, anárquica e aberta para o mergulho do outro no olhar artístico do criador. É o veículo de expressão que melhor traduz os anseios humanos. “Na linguagem artística, os símbolos, produtos humanos, sintetizam e transmitem idéias complexas sob novos olhares, possibilitando uma reestruturação do ideário de uma época e novas formas de ver o mundo” (JANSON; JANSON, 1996, p. 7). Os seus cenários artísticos realizam permanentemente a dialógica envolvendo, “ordem/desordem/integração/(re) ordenação” (MORIN, 2003a).

No reino da noosfera, construído nesse locus de educação, cultura e ensino produz-se: conhecimentos, saberes, idéias, teorias, utopias, um conjunto de narrativas mítico-mágicas e um corpo de ritos e práticas sacrificais. A noosfera, oriunda das interações que formam a cultura de uma sociedade, emerge como uma realidade objetiva disposta de relativa autonomia. É povoada por entidades denominadas *seres de espírito* como gênios, Deuses e idéias força (MORIN, 2001b, p. 139). Morin diz que “a relação com as entidades da noosfera é de posseção recíproca: pedimos às nossas idéias, quando elas se tornam mitos, segurança e salvação” (MORIN, 2002, p. 45). Tais entidades reproduzem-se nos espíritos por intermédio da educação e propagam-se por meio do proselitismo.

Sustentam a idéia de movimento, não só do universo dos pensamentos e das práticas escolares, mas também da biosfera. Uma série de pensadores, dentre eles, Heráclito, diz que não podemos cruzar o rio duas vezes sob as mesmas águas. Inspirado pela mobilidade cara a Heráclito, Maffesoli (1999) nos apresenta uma nova abordagem que vai pensar o sujeito a partir do outro, ou da alteridade. Quando nos referimos aos seres humanos, a identidade se compõe e se expande, só existindo à medida que é enxertada de alteridades. A morte, que pode carregar o fim da identidade, nos proporciona o encontro entre o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito, compreendido como narrativas que comportam infinitas metamorfoses (MORIN, 2002). Assim, esse tema é uma rica fonte da mitologia humana ao suscitar rituais, funerais, cultos, túmulos, orações e filosofias que a exorciza, supera ou vence. Para estudarmos o imaginário da morte é necessário antes de tudo, defini-lo para uma melhor compreensão do tema analisado. Imaginário é um termo amplamente utilizado; porém, dificilmente analisado com rigor, trazendo assim, inúmeras definições vagas, tais como, o ilusório, o fictício, o absurdo, o irreal, que encobrem a importância do seu significado. A imaginação e especialmente o imaginário, entendido como uma faculdade de criação de formas, figuras e símbolos que se exprimem no representar e no dizer dos homens tem, segundo Bachelard (1990), uma dimensão eufêmica, ou seja, de embelezar o mundo e levar os homens a um estágio de equilíbrio. A importância do imaginário abre caminho à fantástica inventividade e criatividade dos seres humanos. Isso porque, a noção de homem é genérica (MORIN, 2002), e sendo assim, o homem só pode ser apresentado por meio de homens e mulheres muito diversos, os quais modulam os traços humanos fundamentais: uma individualidade e uma inteligência de novo tipo, uma qualidade cerebral que permite o surgimento do espírito, que por sua vez, permite o surgimento da consciência. Assim, o espírito humano, longe de refletir o mundo, consegue apenas traduzi-lo por todo um sistema *neurocerebral*, cujos sentidos captam um determinado número de estímulos que são transformados em mensagens e códigos pelas redes nervosas. É, pois, o espírito/cérebro que produz as chamadas representações, noções e idéias pelas quais percebemos e concebemos o mundo exterior. As idéias, as teorias e outras produções da noosfera, não são reflexos do real, mas traduções/construções suscetíveis de erro. É preciso destacar que os erros podem ser provocados por diferentes contextos históricos Morin (2003a).

Essa concepção de representação compreende um entrelaçamento entre todas as construções mentais. Conforme Morin (2002), podemos dizer que nossa mente/espírito secreta, sem parar, o imaginário. Este, por sua vez, constitui o substrato que alimenta o

pensamento. Enquanto o mundo empírico comporta estabilidade e regularidade, o mundo imaginário prolifera, transgride os limites de espaço e de tempo. A substância do sonho mistura-se com a da realidade, sem que o ser humano tome consciência disso. A importância do imaginário abre caminho aos delírios do *homo demens*, mas também à fantástica inventividade e criatividade do espírito humano. Após essas considerações, navegaremos em direção às representações dos alunos em torno do tema proposto, o nosso tesouro encantado em meio a um mar de criativas idéias.

A maioria das ilustrações que exibiremos, partiu do desafio lançado aos alunos de imaginar e representar a figura da morte, em sala de aula. Apesar disso, não descartamos alguns desenhos, que embora originados de propostas diferentes, pintaram um cenário de morte, demonstrando o quanto ela se faz presente em nosso imaginário direta ou indiretamente. Devemos observar que os comentários em torno dos desenhos, partem da visão da autora, comportando uma multiplicidade de interpretações; que os leitores estão convidados a fazer. Daremos agora a palavra ao imaginário e às representações.

**Figura 1**



**Keliane, 5ª série, 2006.**

A primeira figura traz a caricatura de uma fronte triste, de onde saem lágrimas que choram a morte dos amigos e o desaparecimento das árvores, símbolos de vida. Os olhos atentos e a boca grande em destaque demonstram um elevado grau de consciência diante de uma imensidão de incertezas. O vermelho vivo, cor do sangue, incita à luta pela preservação das diversas formas de vida na Terra (CHEVALIER, 1996).

Figura 2

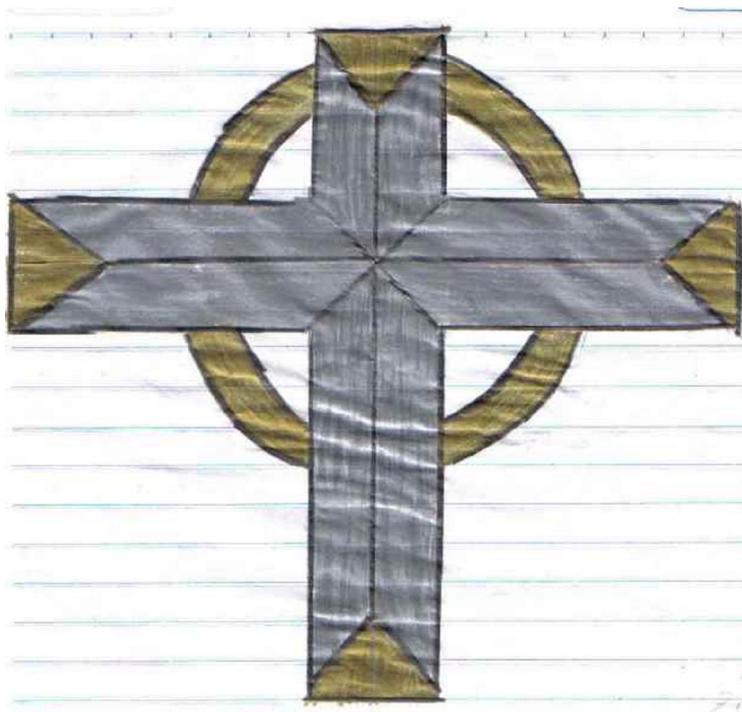


Helena, 8<sup>a</sup> série, 2006.

Vale observar, que as ilustrações que se complementam, foram feitas por alunas de série e idade diferentes e que os anjos da figura acima, foram colocados por mim, para ilustrar a abertura do portfólio que montei.

A segunda figura representa uma caricatura triste e mais serena, em relação à primeira, mas dessa vez, aparece com os olhos e a boca fechados, voltando-se para o mundo interior, ornamentado exteriormente pelo azul, cor do imaginário. Um apelo à inserção do amor na vida é feito pela aluna. O amor considerado por Hesíodo como *o mais belo dos deuses imortais* é a pulsão fundamental do ser, a libido que impele toda existência a se realizar na ação, permanecendo o Deus primeiro, aquele que assegura não só a continuidade das espécies, como também a coesão interna do Cosmo. Essa passagem ao ato se produz pelo contato com o outro, envolvendo uma série de trocas materiais, sensíveis, espirituais, que são igualmente choques, tendendo a assimilar forças diferentes que se integram em uma unidade. Nesse sentido, é simbolizado pela cruz, síntese das correntes verticais e horizontais, presente em várias imagens que exibiremos abaixo (CHEVALIER, 1996 p. 47). Lembramos que as cruzes não foram escolhidas aleatoriamente. Elas continham detalhes que fugiam do senso comum.

**Figura 3**



**Márcio, 5ª série, 2006.**

Ao apontar para os quatro pontos cardeais, a cruz é, em primeiro lugar, a base de todos os símbolos de orientação. Dentre as diversas representações da cruz, destacamos a terceira figura por sua beleza, pela sua criatividade e pelo seu significado incerto, pois não encontramos nada similar, ao pesquisarmos a simbologia das cruzes. Apesar disso, podemos aproximar a figura a uma representação das cruzes nomeada e direcional. Ao dividir o círculo em quatro, é intermediária entre o círculo e o quadrado, entre o Céu e a Terra. Essa forma complexa pode provocar uma ruptura de ritmo, de linha, de nível, que convida à pesquisa do movimento, da mudança, de um novo equilíbrio (CHEVALIER, 1996).

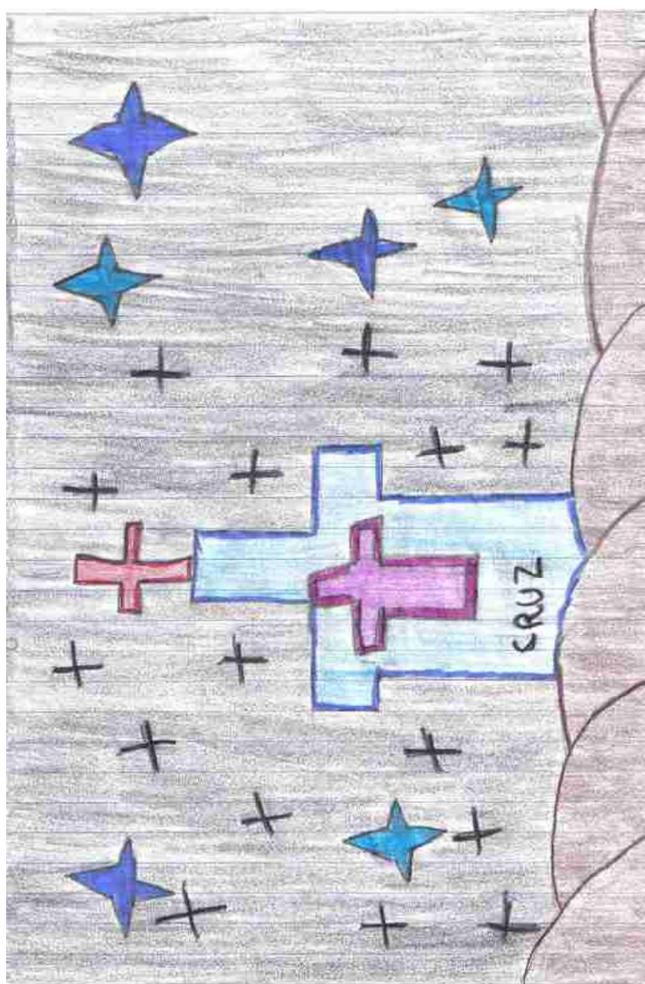
**Figura 4**



**Tiago, 5ª série, 2006.**

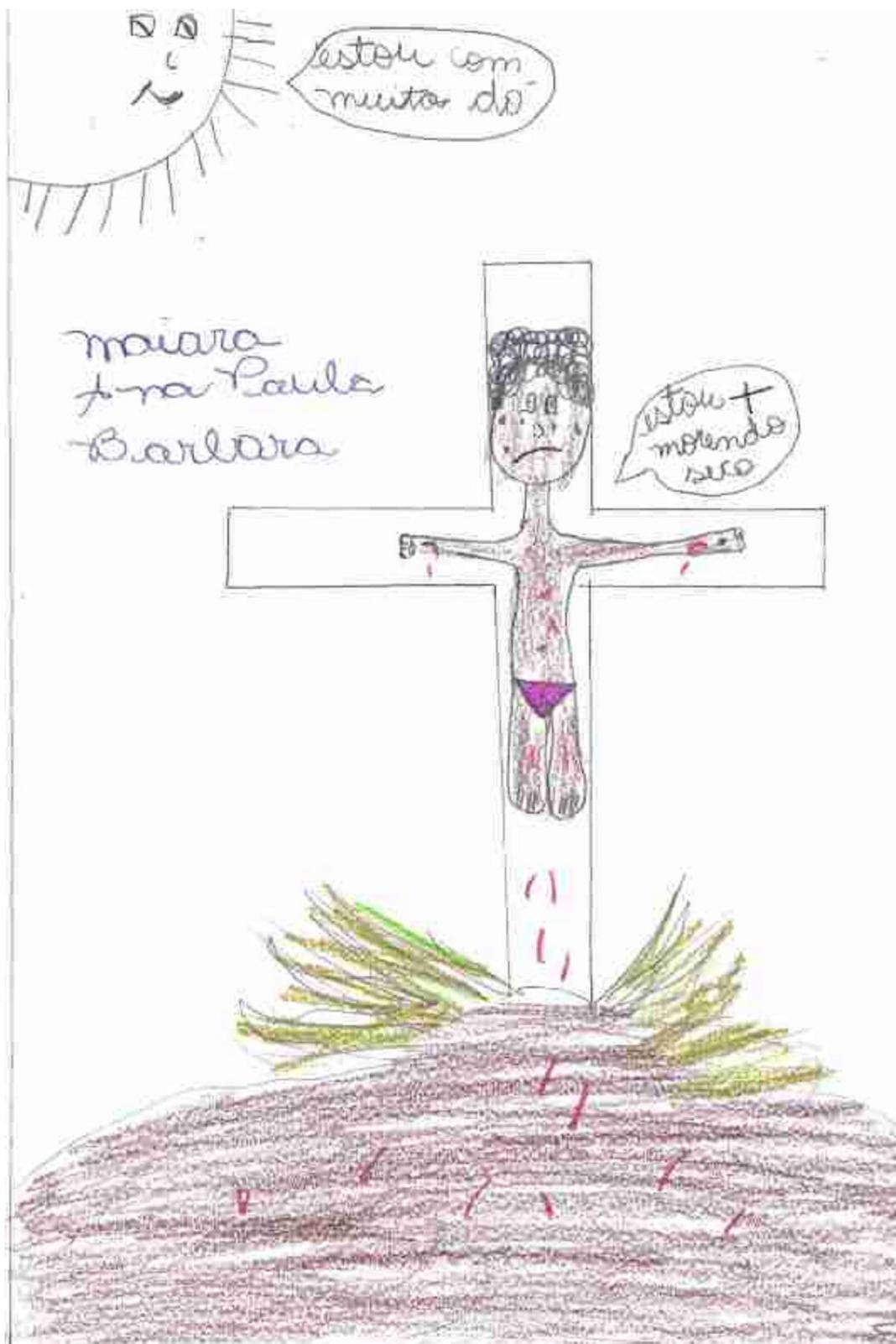
Do mesmo modo, não encontramos nada parecido com a quarta representação, apesar de apontarmos algumas sugestões. O aluno faz uma junção entre a cruz cristã, também chamada de cruz latina, adornada com um triângulo nas pontas, lembrando uma flecha, a qual pode indicar direções: a perda da individualidade pela morte do homem, no caixão; os destinos que ele pode seguir na vida e a crença em uma transcendência ao vermos uma flecha apontada para cima. As flores estão ligadas a terra, o aluno, à vida. Enquanto símbolo, a morte, que segundo Tiago: “é uma coisa que dá medo”, pode indicar aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas, estando assim, ligada ao simbolismo da terra. Dessa forma, a dualidade morte/vida, também é encontrada na cruz, instrumento de suplício e redenção que reúne em uma única imagem, os dois significados que podemos encontrar também na figura de uma árvore “Pela morte para a vida – per cruce[m] ad lucem, pela cruz para a luz” (CHEVALIER, 1996, p. 310).

**Figura 5**



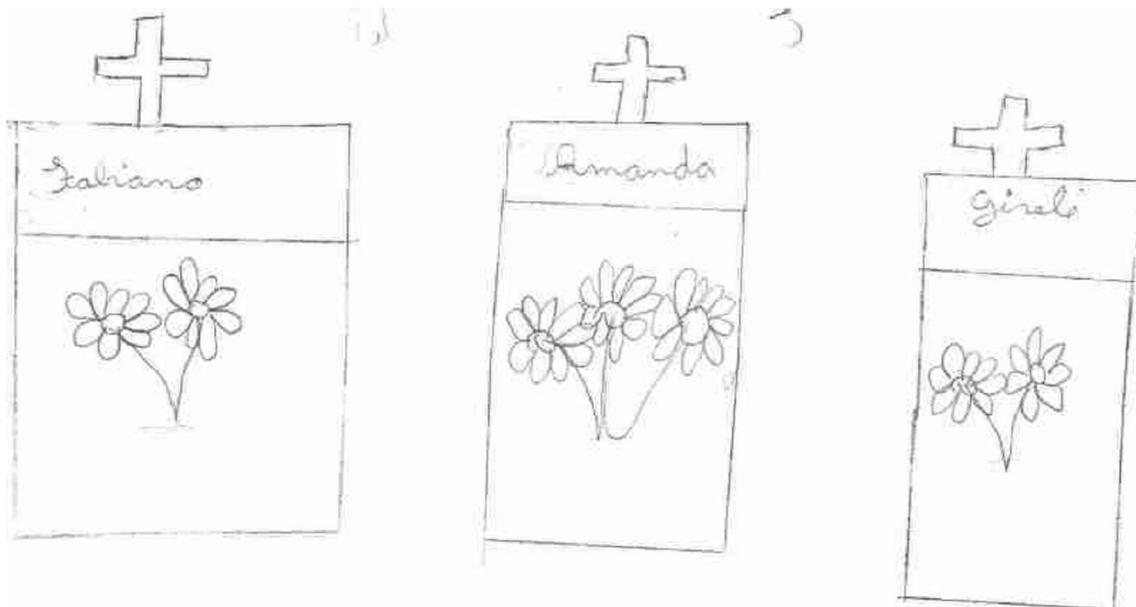
**Vera, 5ª série, 2006.**

Figura 6



Maira, 5ª série, 2006.

**Figura 7**



**Amanda, 6ª série, 2006.**

As últimas três figuras lembram a representação da cruz latina. A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, ao condensar nessa imagem a história da salvação e da paixão do Salvador.

O túmulo da quinta figura está erguido sobre um monte, assim como estava a cruz na qual Cristo foi crucificado, sendo também, iluminado por estrelas, fontes de luz. Seu caráter celeste faz com que esses astros sejam símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais ou de luz e as forças materiais ou as trevas. Podemos lembrar que na Guatemala, as estrelas representam na crença popular, as almas dos mortos (CHEVALIER, 1996). A sexta figura nos chamou a atenção por não partir do desafio de representar a morte, mas sim de fazer um comentário e uma representação que englobasse o “Dia da Consciência Negra”, comemorado em 20 de novembro. A aluna, porém, representou o sofrimento do negro, crucificado, ferido e com sede, em uma alusão a crucificação de Jesus Cristo, em meio aos dois ladrões. É o que nos lembra a autora da última figura, ao desenhar três túmulos, três cruzes, colocando-se no meio delas, repousando ao seu lado, duas colegas de classe. É importante mencionar que os nomes que aparecem nos túmulos são fictícios, e sendo assim, foram modificados por mim.

**Figura 8**



**Daniela, 6ª série, 2006.**

Os alunos das 5ªs e 6ªs séries, brincaram com a morte, apesar do protesto de muitos dos colegas, colocando os seus nomes nos túmulos. Nessa imagem havia escritos que demonstravam uma brincadeira da aluna, ao comentar que uma garota chamada Laís, "morreu de susto por causa de uma lagartixa."

**Figura 9**



**Lara, 5ª série, 2006.**

A nona ilustração traz a morte materializada em um caixão. A caixa, ou pote de Pandora, tem permanecido como símbolo de tudo aquilo que não se deve abrir. Ela encerra e separa do mundo aquilo que é precioso, frágil ou temível, como a morte. O caixão destaca um silencioso pedido de paz, diante da barbárie inaugurada no século XX, em que o homem adquiriu um grande poder de destruição que trouxe guerra, massacre, deportação, fanatismo (MORIN, 1999).

A suástica (representada no desenho) é um dos símbolos mais difundidos dos antigos, sendo encontrado do Extremo Oriente à América Central, passando pela Mongólia, pela Índia e pelo norte da Europa. Qualquer que seja sua complexidade simbólica, a suástica, por seu grafismo, indica um movimento de rotação em torno do centro, imóvel, podendo ser o ego ou o pólo. É, portanto, símbolo de ação, de manifestação, de ciclo e de regeneração. Assim,

muitas vezes acompanhou a imagem dos salvadores da humanidade como, o Cristo, das catacumbas ao Ocidente Medieval. Como desenvolvimento do universo criado, a suástica pode se associar às grandes figuras criadoras ou redentoras, mencionadas acima. Como desenvolvimento de uma realidade humana, expressará o extremo desenvolvimento de um poder secular, o que explica as suas atribuições históricas de Carlos Magno a Hitler. Além disso, há um direcionamento do caixão a uma árvore, podendo esta, representar o perigo de morte enfrentado pelo mundo vegetal e o anseio à *imortalidade*, alcançada pela multiplicação das sementes da árvore ou dos filhos do homem.

**Figura 10**



**Romário, 5ª série, 1996.**

Devemos lembrar que a caixa, ou caixão nesse caso, ricamente ornamentado ou muito simples, só tem valor simbólico por seu conteúdo. O morto representado está coberto de flores, símbolo do passivo. O aluno Francisco, em um comentário, comparou as flores ao homem ao poetizar que “até as flores tem diferenças, umas, enfeitam a vida, outras, enfeitam a morte” (8ª série, 2007). As velas acesas representam o símbolo da *individualização* ao término da vida cósmica. “É à lembrança da acolhedora vela simples que devemos reencontrar nossos devaneios de solitário, escreve Bachelard” (apud CHEVALIER, 1996, p. 934).

**Figura 11**



**Rafael, 5ª série, 2006.**

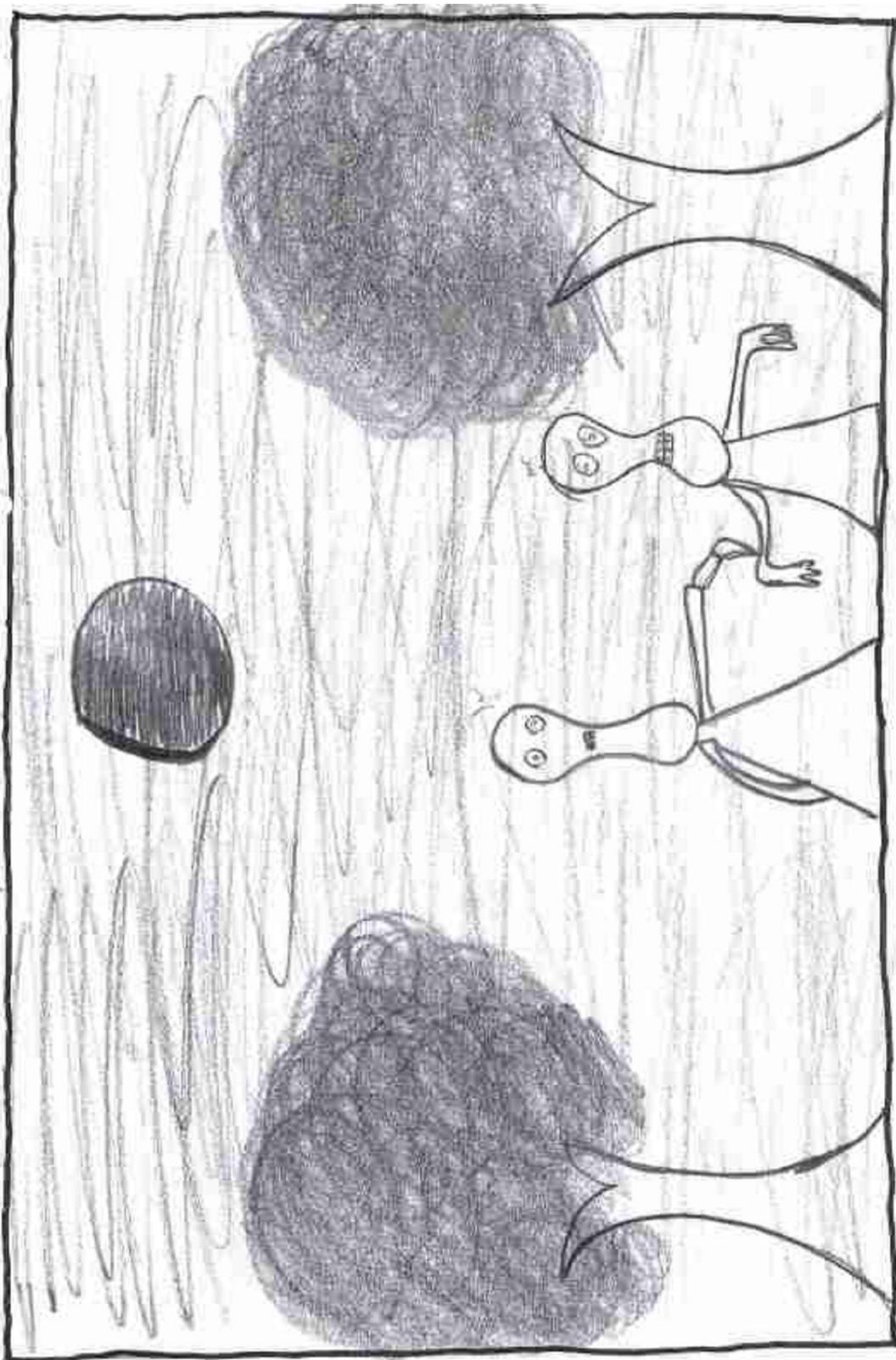
O último caixão representado expõe aos vivos, uma paixão do morto, ilustrado por um símbolo esportivo.

**Figura 12**

A aluna representa a crença na pós-morte por uma seqüência envolvendo homicídio, sepultamento e aparecimento da alma, trazendo o cemitério como cenário. Juntamente com a próxima figura, os desenhos aparecem na cor preta. O preto, segundo a análise psicológica, no mundo dos sonhos diurnos ou noturnos, é considerado como a ausência de toda a cor, de toda luz.



Figura 13



Sara, 8ª série, 2006.

Durante a noite podemos progredir, tirando proveito dos avisos dados pelos sonhos, “como é aconselhado na Bíblia (Jô, 33,14) e no Corão (Surata 42)” (CHEVALIER, 1996, p. 743, grifo do autor). A noite, também é o período preferido para o passeio do casal de fantasmas.

#### **Figura 14**

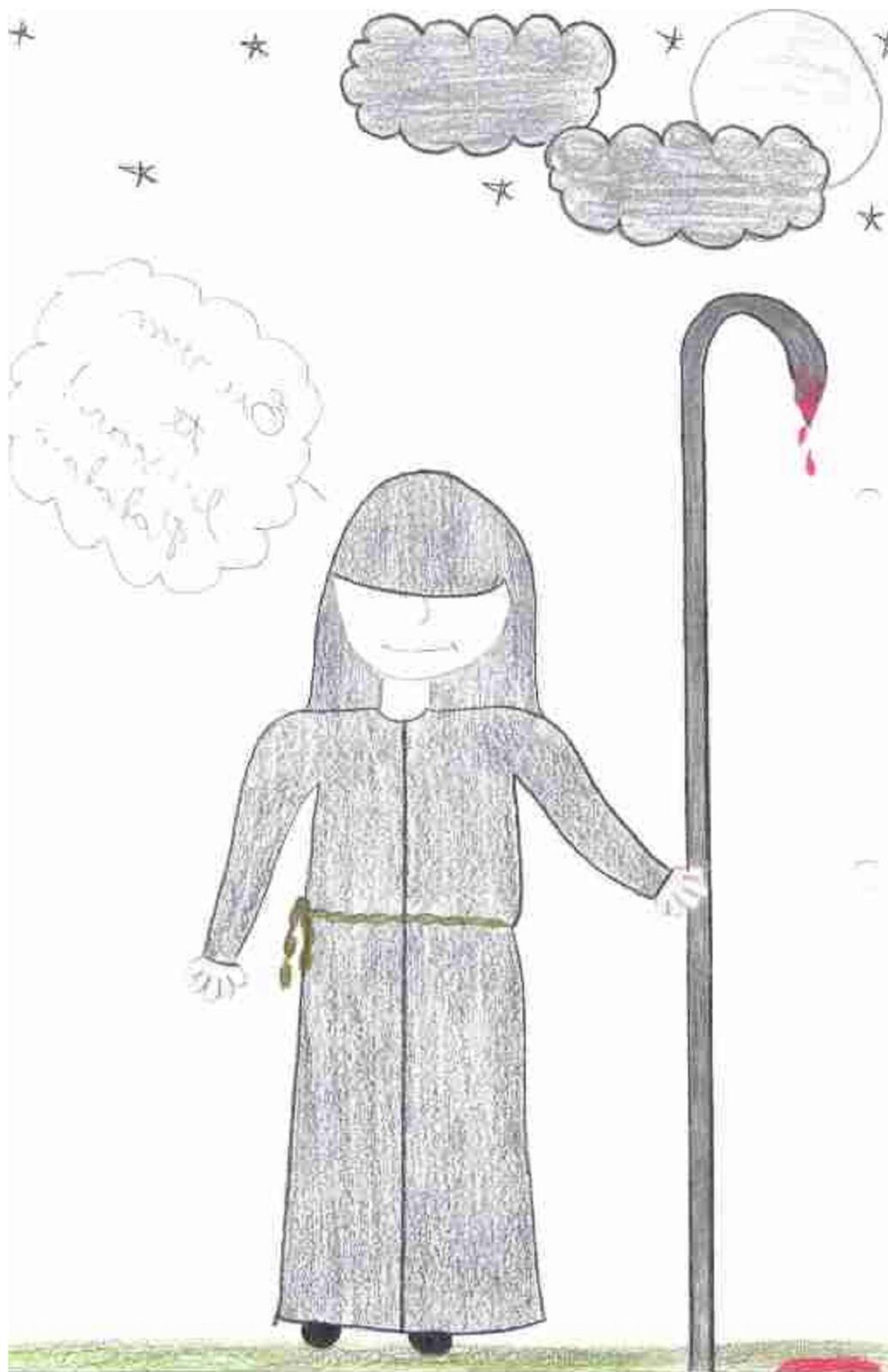
A *Morte* que cega, que mata, é cega, pois todos são levados sem distinção. O cego é aquele que ignora as aparências do mundo tendo o privilégio de conhecer a realidade secreta da vida dos mortais. Em consonância com essa interpretação, a figura feminina (a *Morte*), traz uma foice. Esse instrumento, ao igualar todas as coisas vivas, é também um símbolo da morte. Desde o século XV, a foice aparece nas mãos de um esqueleto, cuja figura, foi muito retratada pelos alunos. Assim, caveiras, esqueletos com a foice, anjos, demônios, fizeram parte do imaginário dos alunos de todas as séries do fundamental. Tais desenhos, por fazerem parte do senso comum, não foram inseridos no presente trabalho. Nem por isso, deixaram de ser importantes por sua beleza e porque demonstraram o quanto as imagens transmitidas por nossa cultura, cristalizam-se em nossas idéias.

A cegueira trazida pela morte também é representada nos versos de um poema, trazido pela aluna Elaine, diante das comemorações em torno do “dia da Independência do Brasil”

Se todas as noites olhasse no céu  
E visse uma estrela  
Ficaria feliz.  
Mas se eu não visse  
Eu gritaria  
Independência ou morte!  
Mas como não fui eu  
Que inventei essa palavra  
Não posso falar.  
Reze por mim porque  
Quando eu não vir mais estrelas  
É porque eu morri ou porque  
Estou cega.

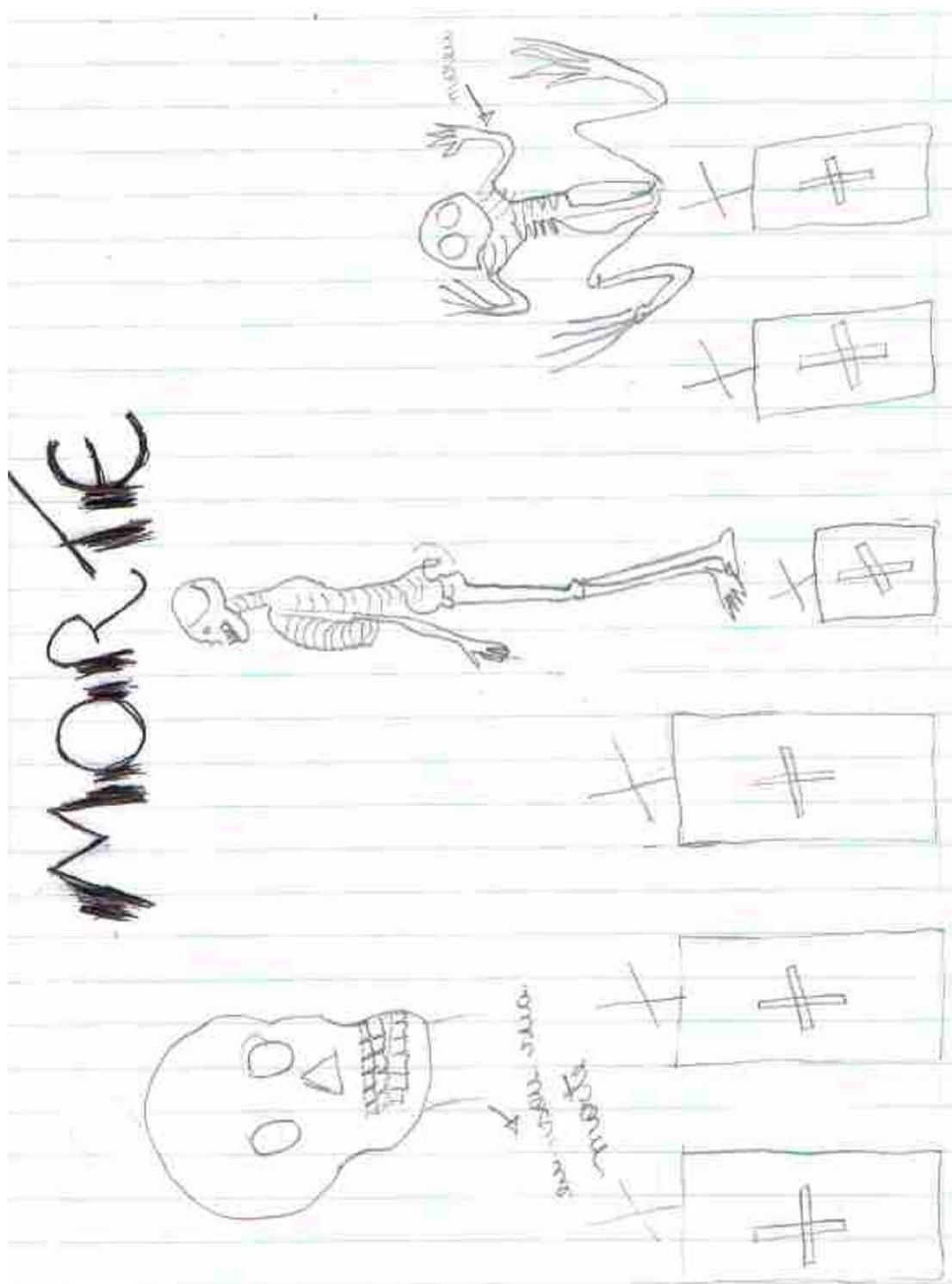
**Elaine, 7ª série, 2007.**

**Figura 15**



**Cintia, 7ª série, 2006.**

Figura 16



Taís, 5ª série, 2006.

Nesta descontraída figura dionisíaca, a morte é uma festa. Dionísio é considerado o Deus da libertação (libertou sua mãe Sêmele do inferno), da supressão das proibições e dos tabus, da purificação e da exuberância; distribuindo “alegria em profusão”, segundo Hesíodo (apud CHEVALIER, 1996, p.340).

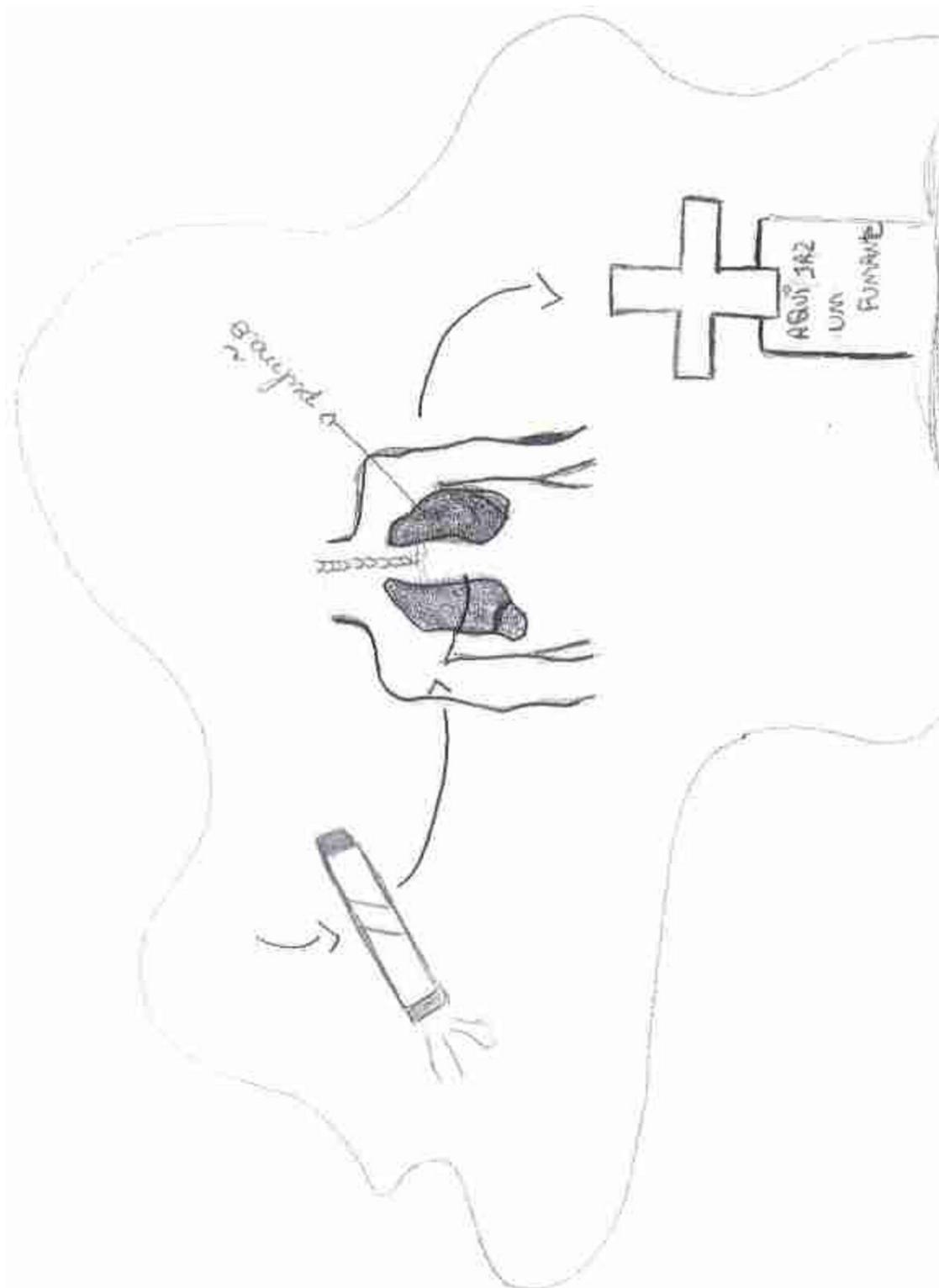
### **Figuras 17, 18 e 19**

A décima sétima figura traz a morte de um fumante, remontando aos malefícios que esse vício causa à saúde do ser humano. Falando de fumaça, o décimo oitavo desenho, pinta um cenário de morte, pelo predomínio da cor preta e pela poluição do ar de uma grande cidade. Os altos prédios podem receber a fumaça das substâncias ejetadas pelos carros que passeiam pelo asfalto. É bom lembrar que os alunos não representaram a sua pequena cidade, pois nela, não existem prédios altos.

Encerramos esse capítulo com o desenho de Antônio (figura19), aluno da 5ª série, não alfabetizado, somente “copista”, mas que conseguiu transmitir, todo um universo de vivas imagens. Esse aluno demonstrou grande habilidade artística no capricho e na beleza de sua ilustração; e comparativa, no contraste da vida, representada por um céu azul, um sol iluminando, flores, uma borboleta colorida, o borbulhar da água pela queda da cachoeira e peixinhos nadando; e da morte, pintada de cores mais escuras, um sol mais intenso cujos raios matam as árvores, flores e peixes mortos em águas poluídas pelo homem que joga lixo no rio. Apesar disso, há uma nuvem muito azul, um pássaro preto voando em cima de uma grama ainda verde, demonstrando sinais de resistência e de esperança. Vale dizer, que os dois últimos desenhos foram feitos diante do desafio de representarem a necessidade da preservação do meio “ambiente”, lembrando que o conceito de ecossistema é mais utilizado nos estudos de complexidade.

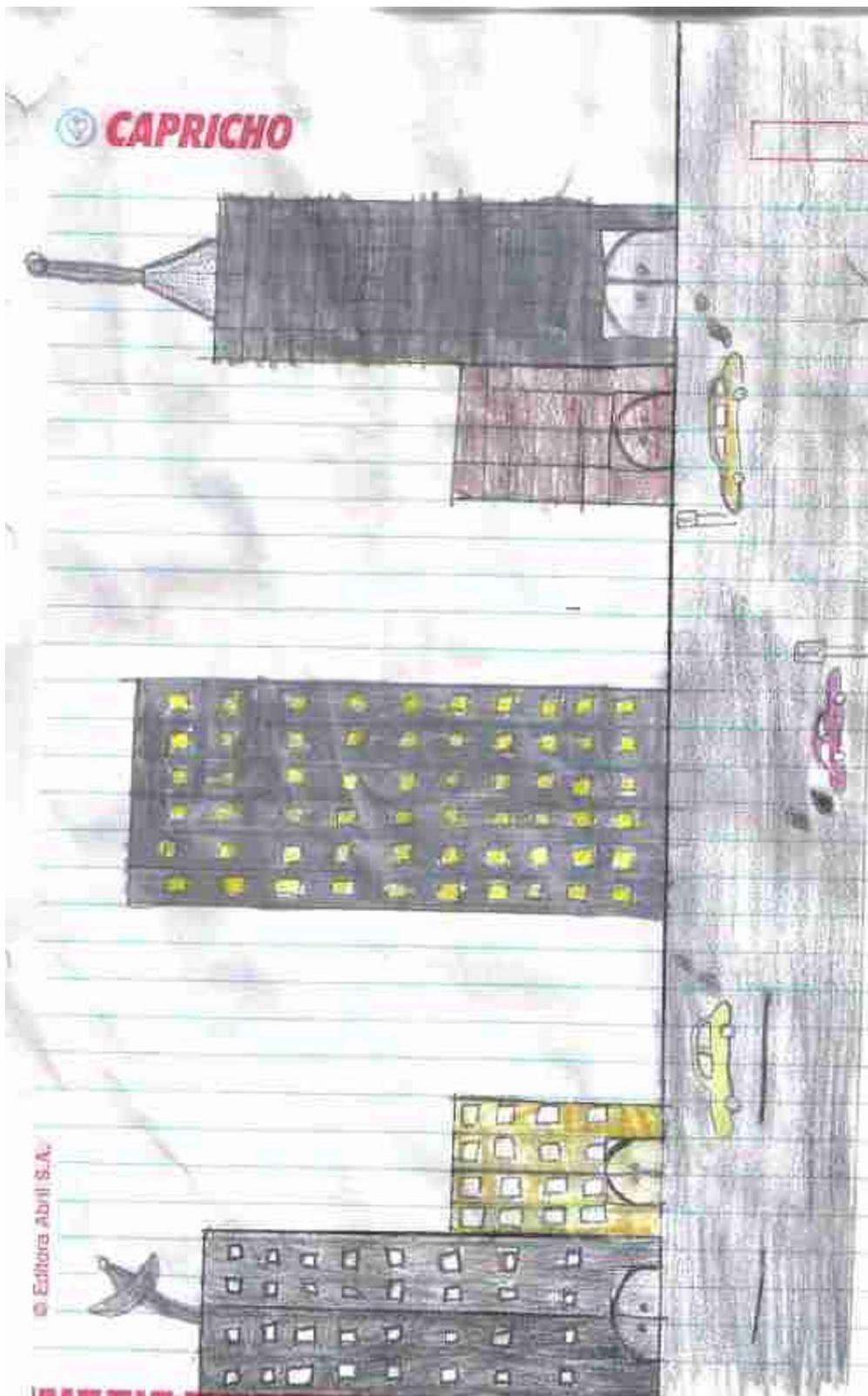
Por fim, gostaríamos de chamar atenção para a grande criatividade dos alunos por exporem trabalhos que fugiram do senso comum. Morin (2002, p. 66) diz que “o tesouro da humanidade está na diversidade criadora, mas a fonte da sua criatividade está na sua unidade geradora”. Nesse meio, a arte, se torna irrisória quando nos faz esquecer a tragédia da condição humana e vital quando nos leva a viver poeticamente (MORIN, 2005), assumindo a nossa condição humana ao viver de morte e morrer de vida, a cada dia, no renascer da pele, e no encantamento diante do colorido da vida/morte.

Figura 17



Fernanda 8ª série, 2006.

Figura 18



Reginaldo, 5ª série, 2006.

Figura 19



Antônio, 5ª série, 2006.

## SEGUNDO MOVIMENTO

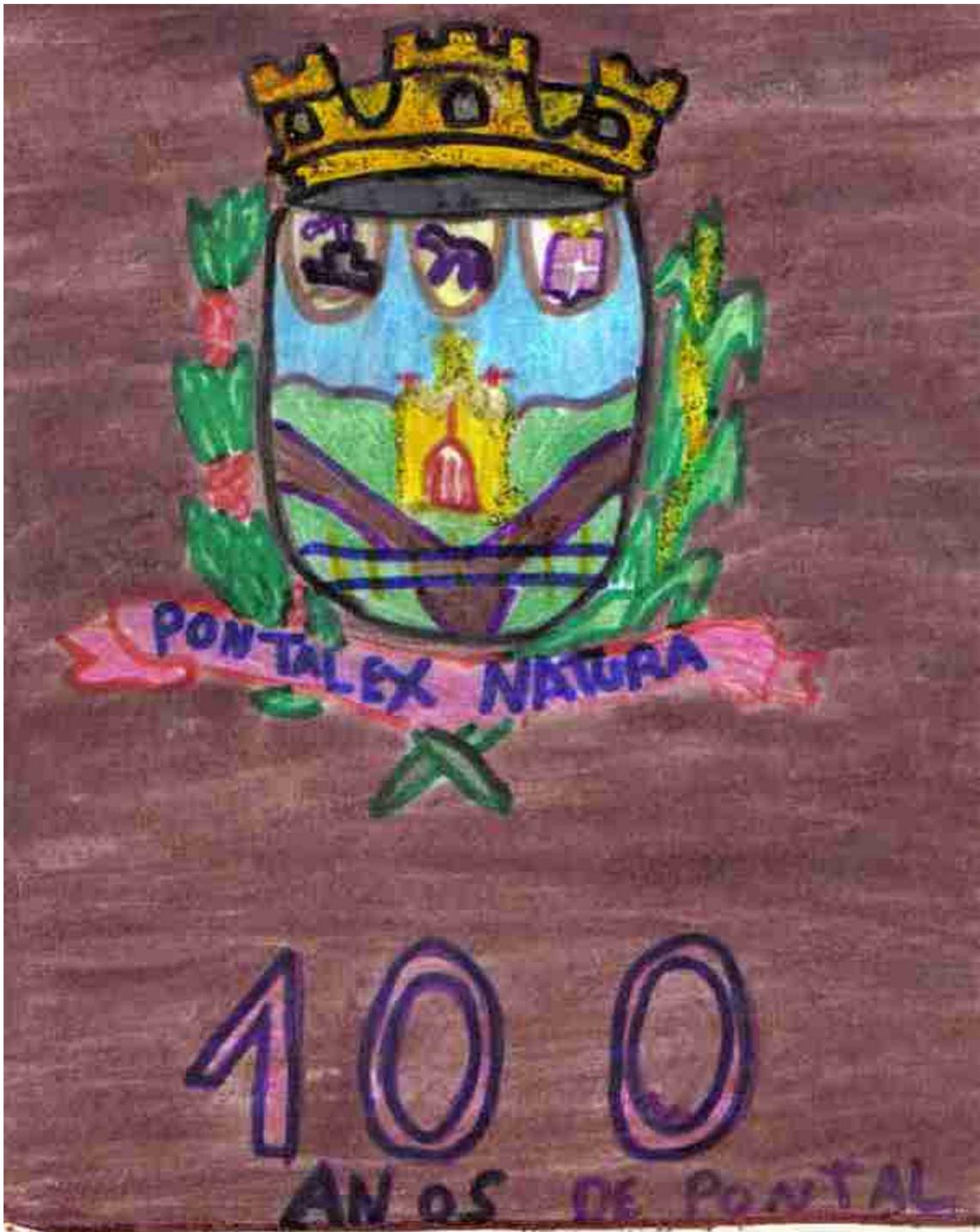
### CAPÍTULO 1 OS ENCANTADOS E AS ENCANTARIAS DAS MORTES EM TRAJES ARLEQUINAIS: A CIDADE DE PONTAL VISTA PELOS OLHOS DE HOJE

*Não basta ver a morte do homem para  
conhecê-la bem.  
Mil outras brotam em nós, à nossa roda, no  
chão*  
(ANDRADE, Carlos Drumond de)

O segundo movimento partiu de trabalhos voltados ao estudo do ecossistema de Pontal. Os alunos fizeram uma (re) constituição da memória da cidade, fazendo consultas bibliográficas, elaborando comentários e poemas, visitando os patrimônios históricos da cidade e organizando reportagens. Trabalhamos, dessa forma, com uma história complexa de mortes nas suas diferentes *performances*. As memórias das mortes estão escritas nas pedras, nos monumentos, nos relatos orais, nos cemitérios, nos arquivos e em outros lugares dos mais diferentes. Este capítulo tem o propósito de trabalhar com a morte/vida em trajes de arlequim e do sério<sup>7</sup>. Assim, como foram elaborados os desenhos, fontes utilizadas no segundo capítulo, em que os alunos embelezaram o sério; os jovens, ao trabalharem temas relacionados à sua cidade, descobriram as várias faces da morte, tema interdito, que retalhado, foi apresentado por uma variedade de formas coloridas e enfeitadas. Durante as apresentações, no preparo ou no improviso, assim como o personagem/comediante, arlequim, os discentes expuseram sua criatividade e sensibilidade, ao demonstrarem o feio, de forma bela, o triste, pela diversão, vivenciada nos palcos da pesquisa feita dos retalhos que costuram a história de Pontal. Abaixo, exporemos o brasão da cidade.

---

<sup>7</sup> Nome que vem da antiga comédia italiana, “Commédia Dell Arte”, cujo objetivo original era o de divertir o público ridicularizando as extravagâncias da sociedade burguesa do século XVI. O seu traje era feito de pedaços de panos triangulares e de cores diferentes. O arlequim pode representar a imagem daquele que não se prende a idéias (CHEVALIER, 1996).



Michele, 6ª série, 2007.

A educação é um processo amplo, que envolve o homem todo e todo o homem, no concreto de seu viver e de seu fazer. Somos aprendizes e educadores, numa interlocução com o outro, presente ou suposto, pela qual, no concreto, saber e fazer integram-se à dinâmica do viver, assim como apropriação e expressão. A cada momento, no gesto aparentemente banal, nos encontros ou desencontros, vitórias ou fracassos, tanto quanto no que vemos, lemos,

ouvimos e sentimos, viabiliza-se um longo processo educativo, que envolve um aprender em aprenderes.

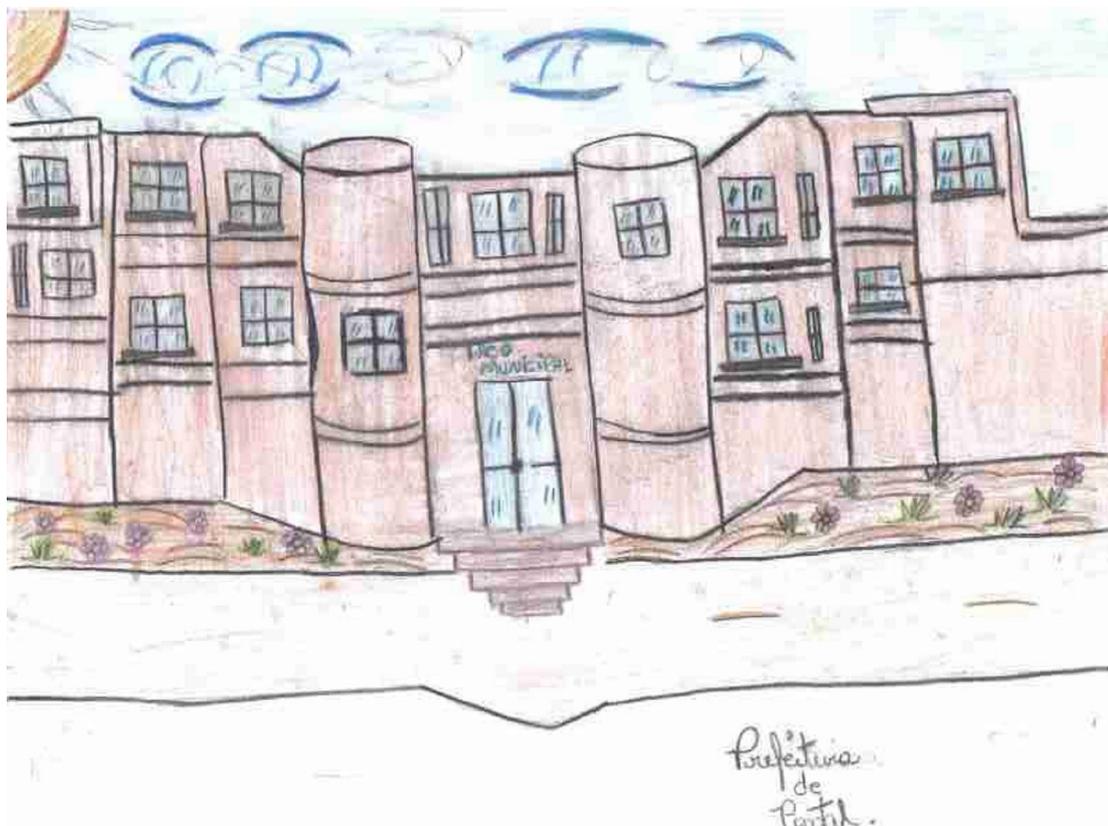
A natureza não é um objeto inerte que se pode utilizar a vontade. Há uma força intrínseca que se investe de fatores culturais e que não deixa, assim como veremos mais adiante, a propósito do espaço, de fazer sociedade (MOREIRA; OLIVEIRA, 2000). Sobre isso, Michel Maffesoli afirma: “tudo o que é cultura leva a marca da morte” (apud MOREIRA; OLIVEIRA, 2000, p. 249).

Os temas abordados no projeto “Pontal para turistas” intitulados: “O Rio Pardo”; “Pontos turísticos” “A praça matriz e a casa da cultura”; “Grandes pontos badalados e turísticos de Pontal”; estiveram ligados ao projeto da escola “Arte no Cotidiano”, em uma junção de novas descobertas com belas produções. Durante os trabalhos de campo, acompanhei vários grupos da 8ª série, e um deles me chamou a atenção pelo seu espanto diante do mau cheiro e abandono da antiga estação de trem, patrimônio federal. As alunas fizeram questão de tirar uma foto com os narizes tampados. Divertimo-nos muito. Apesar dos problemas, os estudantes também descobriram muitas coisas positivas ao saberem de atividades esportivas e de cursos, dentre eles, as aulas de patinação, realizadas no ginásio de esportes; das aulas de música e do ensaio de um coral realizados em um bonito prédio antigo; e das atividades manuais oferecidas pela cidade. Podemos dizer diante dos problemas apontados pelos próprios jovens, tais como, sujeira, falta de transporte e de lazer, que muitas vezes, alimentam o desejo de se viver em outro lugar. Notamos um sentimento de pertença ao local, ao demonstrarem com Eros o bonito e bem conservado prédio da prefeitura, a igreja em reforma, os pontos de passeio, as fazendas e as festas típicas, um rodeio, comemorações e shows na época do aniversário da cidade, e o “Baile Havaiano”, realizado no clube recreativo. A aluna Graziela (6ª série, 2007) comenta:

A limpeza de Pontal não é nem boa e nem ruim, é mais ou menos limpa, mas também não é de se comparar com Ribeirão Preto e Sertãozinho porque são muito lindas.

Só que estão arrumando a praça e aquilo não vai pra frente, fica sempre na mesma coisa, mas para variar, a igreja por dentro está linda, maravilhosa.

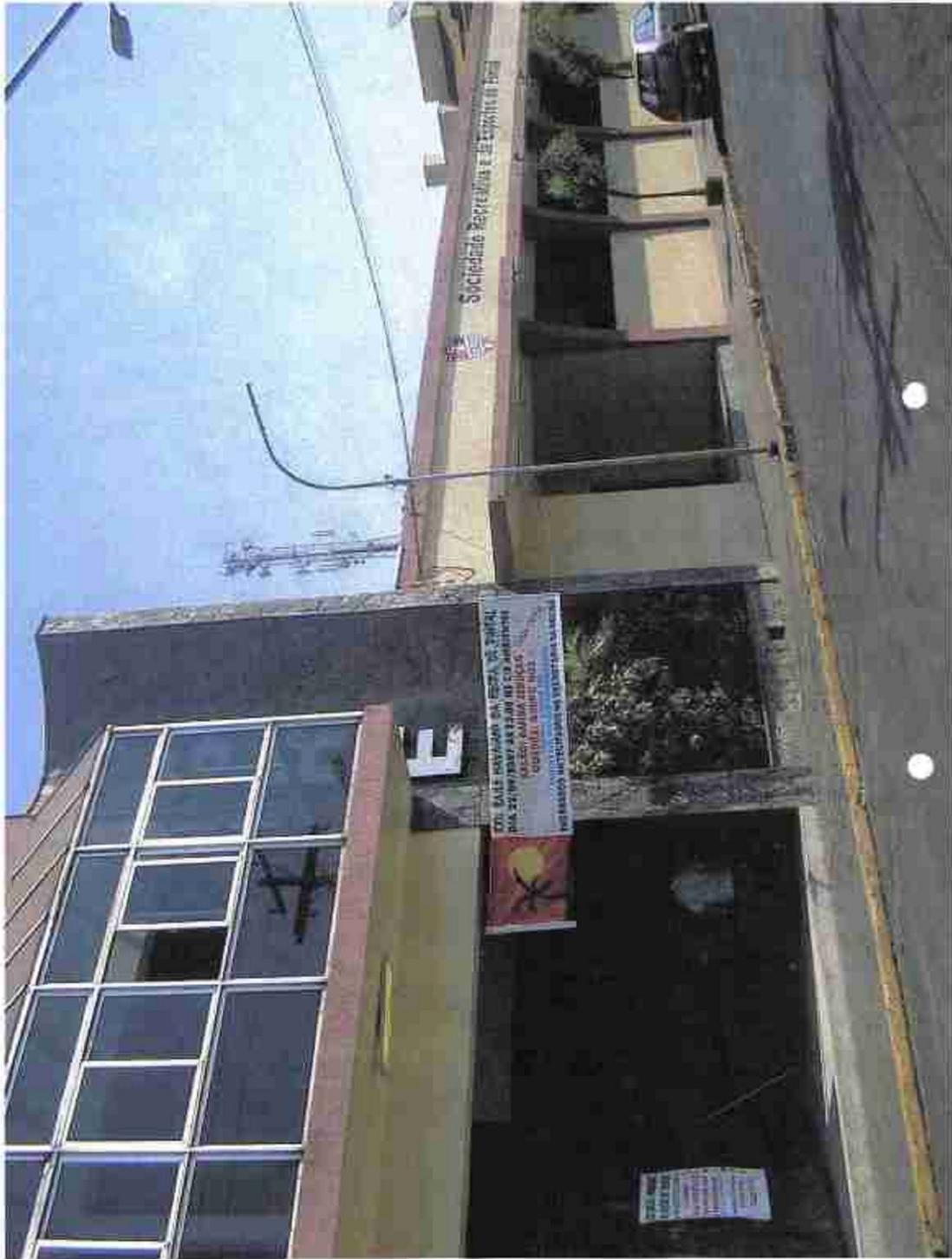
O que mais gosto em Pontal é a festa do Peão e muitas outras coisas que se eu for contar não vai caber.



**Prefeitura Municipal – (Eva, 8ª série, 2007).**



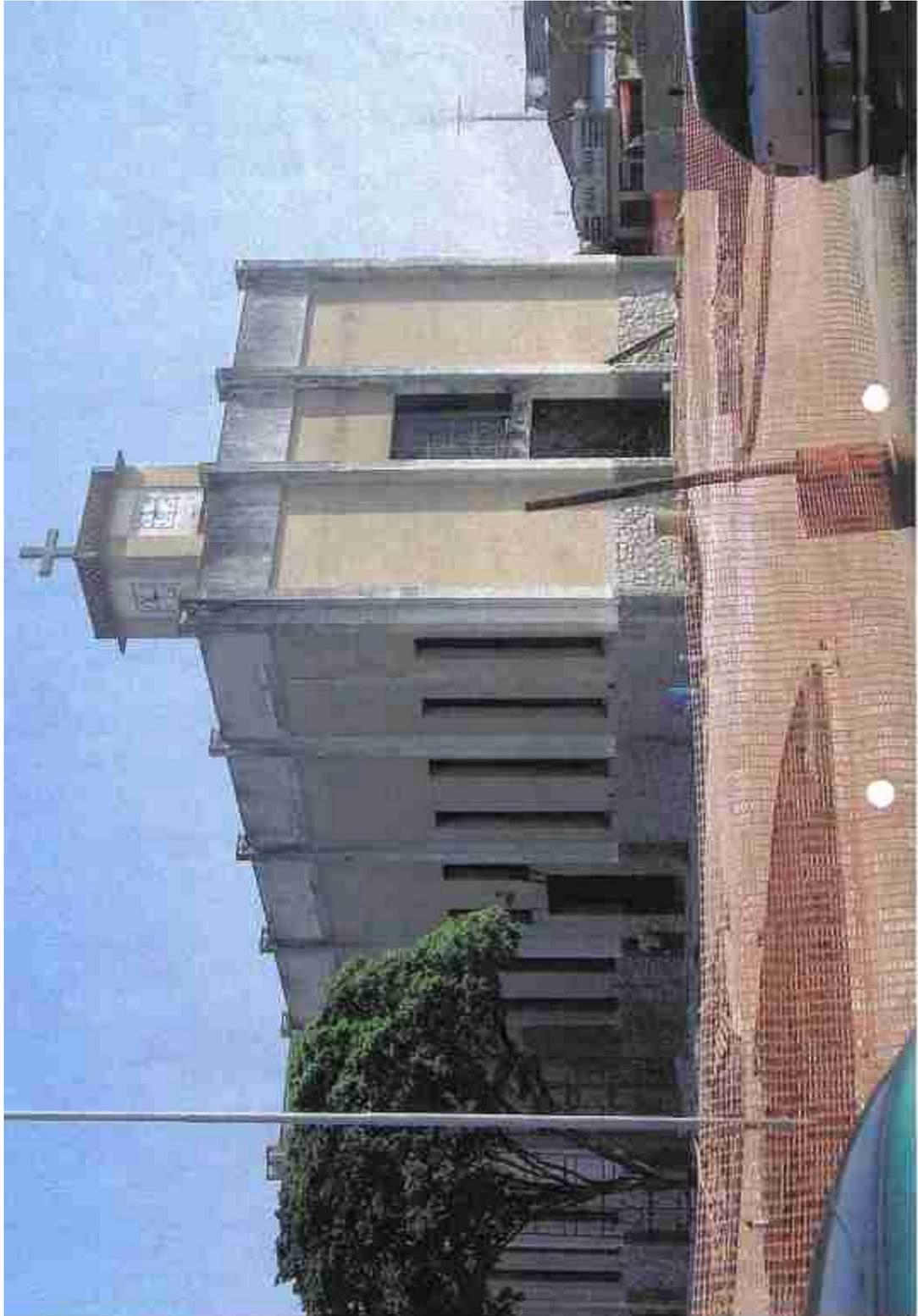
**Ginásio de Esportes – (Fernando, 8ª série, 2007).**



Clube – (Trabalho coletivo, 8ª série, 2007).



**Sorveteria – (Trabalho coletivo, 8ª série, 2007).**



**Igreja Matriz – (Trabalho coletivo, 8ª série, 2007).**

Além das pesquisas e dos comentários, os alunos foram incitados a apresentarem sugestões, pois acreditamos que uma crítica, só tem valor desde que seja construtiva, servindo para a reorganização das idéias e materializadas por ações, pois segundo Bianca (6ª série, 2007), “campanhas não faltam”. E assim, sugere a “aprovação de uma lei que punisse pessoas que jogassem lixo nas ruas e o plantio de uma árvore em cada calçada para a purificação do ar”, além de falar dos benefícios trazidos pela reciclagem e pela coleta coletiva. Nos trabalhos em que a temática girou em torno do aniversário da cidade, em outubro de 2007, a representação do patrimônio histórico já não aparece tão feia como aquela demonstrada no primeiro capítulo. Deixaremos os poemas complementarem essa última afirmação:

Pontal um século de vida  
Minha cidade preferida  
Mas essa cidade vai piorar  
Se a gente não limpar  
Todos têm que ajudar  
Para a cidade melhorar  
Então quero parabenizar  
Essa cidade espetacular  
Parabéns Pontal  
Minha cidade especial  
Fica na cidade de Pontal

**Helena, 6ª série, 2007.**

Nasci aqui  
Há muitos anos atrás  
Vivo aqui  
Porque essa cidade é demais

Em casas mil morei  
Em devoção a ti Pontal  
Encantada fiquei  
Porque tu és fenomenal

Crescente através dos anos  
De várias formas eu notei  
Não mudo os meus planos  
Pois aqui morrerei

Pontal terra de amor  
Amo-te com tanto ardor  
Que chega a me causar dor  
Estando longe de ti

Cuida de mim Pontal  
Para que de você cuide eu  
Assim será até o final  
Mas estando sempre no meu coração.

**Regina, 6ª série, 2007.**

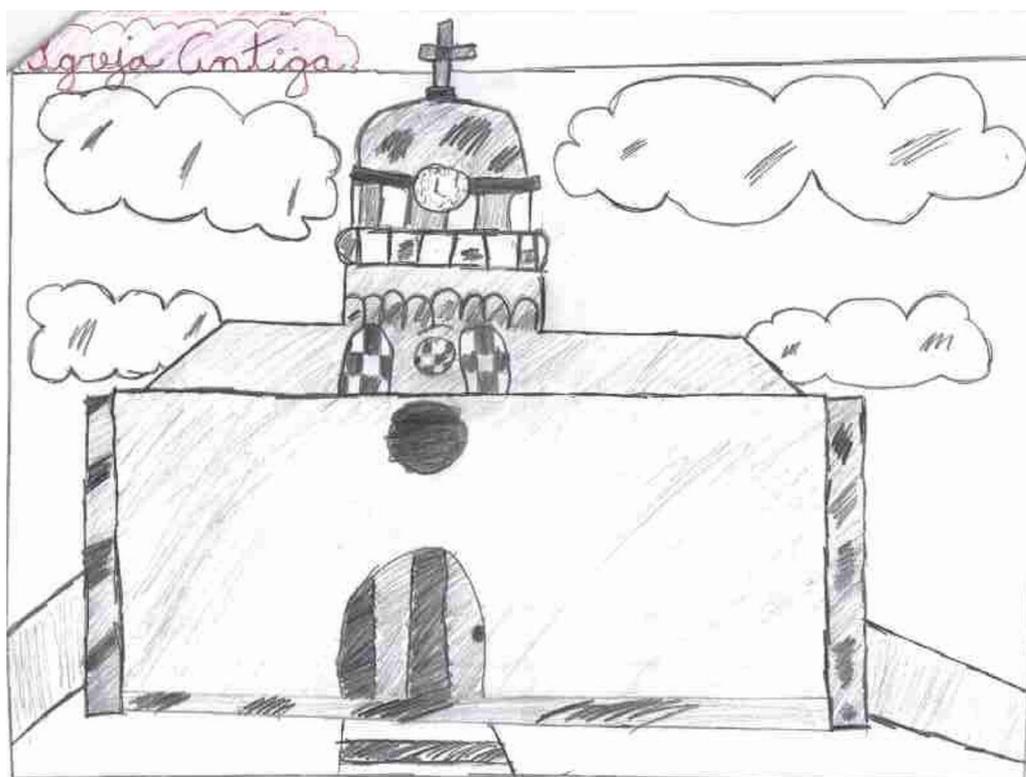
Pontal minha cidade  
Pontal minha decência  
Pontal minha vida  
Pontal meu orgulho

Aqui vou viver  
Aqui vou morrer  
Aqui vou me orgulhar  
Aqui eu viverei

Pontal vai fazer 100 anos  
Pontal vai fazer 100 anos

**Francisca, 6ª série, 2007.**

Um ser nasce outro morre, uma igreja cai, outra se ergue...



**Francisca, 6ª série, 2007.**



**Francisca, 6ª série, 2007.**

Assim, o imaginário da morte tão presente inicialmente, foi colorido pela arte, manifestada pela pesquisa de campo, dos poemas, do teatro, dos comentários e das paródias que me encantaram. Veremos a seguir, que o homem moderno, nem sempre aceitou a ligação entre ciência, cultura e arte.

Sabe-se que, durante a modernidade, entre meados do século XV ao XVIII, o desenvolvimento do espírito científico fez-se em particular, graças à objetivação do natural, e a sua evacuação da esfera social. Essa idéia pode ser encontrada na expressão “desencantamento com o mundo” (MAFFESOLI, 1999, p. 245). Segundo Maffesoli, a reconciliação entre a natureza e a arte seria o caminho mais seguro que poderíamos tomar para chegar a uma harmonia social, mesmo que *conflitual*. Nesse meio, a arte deve ser compreendida no seu sentido mais amplo, o que diz respeito à urbanização e à urbanidade, que está na origem dos modos de vida, na organização do trabalho e na forma dos produtos que nos cercam e nos servem.

Podemos salientar algumas características do natural na vida social reveladas primeiramente pela paisagem. Ela desempenha um papel importante na arte “*stricto sensu*”,

mas pode ser encontrada também nas motivações turísticas, na escolha de um local tendo em vista uma construção. Em suma, de diversas maneiras, nos deleitamos diante dos objetos inanimados que “revelam ter uma alma”; boa ou ruim, ao nos causar uma boa ou má impressão, como a má impressão, que senti ao chegar a Pontal. Isso se traduz, de um lado, em uma espécie de simpatia, isto é, pelo sentimento de participar de um mesmo cosmo, e de outro, pelo pressentimento da existência de uma harmonia/desarmônia entre os seus diversos elementos. Acrescentamos que a simpatia ou repulsa que nos causa um local aparentemente inanimado são vividos com os outros, seja esse outro “eufemizado”, correspondendo ao leitor ideal, o que está ao nosso lado no mundo dos turistas, ou no local em que vivemos. A natureza, deixando - se tocar na paisagem, lembra que a vida social repousa sobre a *tatilidade* (MAFFESOLI, 1999, p. 246).

Em correspondência com a paisagem, partimos para a segunda característica que demonstra a ligação da cultura com a natureza que seria o gosto pelo natural. Isso pode ser estendido da utilização da madeira, em suas diversas formas, às armações de concreto bruto que, no interior de sua artificialidade, remetem à ligação com *Gaia*, a grande Deusa da “Terra” (CHEVALIER, 1996, p. 878). A moda dos produtos naturais e a sua comercialização vão também nesse sentido. A roupa, a tecelagem e o couro não escapam a essa influência. Obtivemos um exemplo concreto quando os alunos fizeram reportagens sobre as atividades culturais da cidade, na casa da cultura e no centro cultural “Maria Mãe de Deus”, onde muitos deles aprendem trabalhos manuais utilizando como matéria prima, sementes para a fabricação de brincos, colares, madeira para a produção de caixas e utensílios diversos; depois comercializados no próprio local ou em feiras culturais realizadas no ginásio de esportes da cidade. As meninas podem, além disso, sair com o certificado de manicure, trabalhando com a arte de embelezar as unhas. O critério utilizado para a matrícula e a permanência no curso, gratuito, é a frequência na escola. Dessa forma, assistimos ao renascimento das manifestações culturais que renascem e se apóiam nas dimensões naturais, imaginativas e orgânicas presentes na sociedade; fortalecendo-se de diversos modos, sobre a correspondência com o natural e com o mundo social onde a cultura se naturaliza a fim de *culturalizar a natureza* (MAFFESOLI, 1999, p. 249). Abaixo, exibiremos uma foto da “Casa da Cultura” de Pontal, parte do trabalho desenvolvido por mim e por um grupo de alunas no projeto nomeado de “Patrimônio Histórico de Pontal” realizado em 2007.

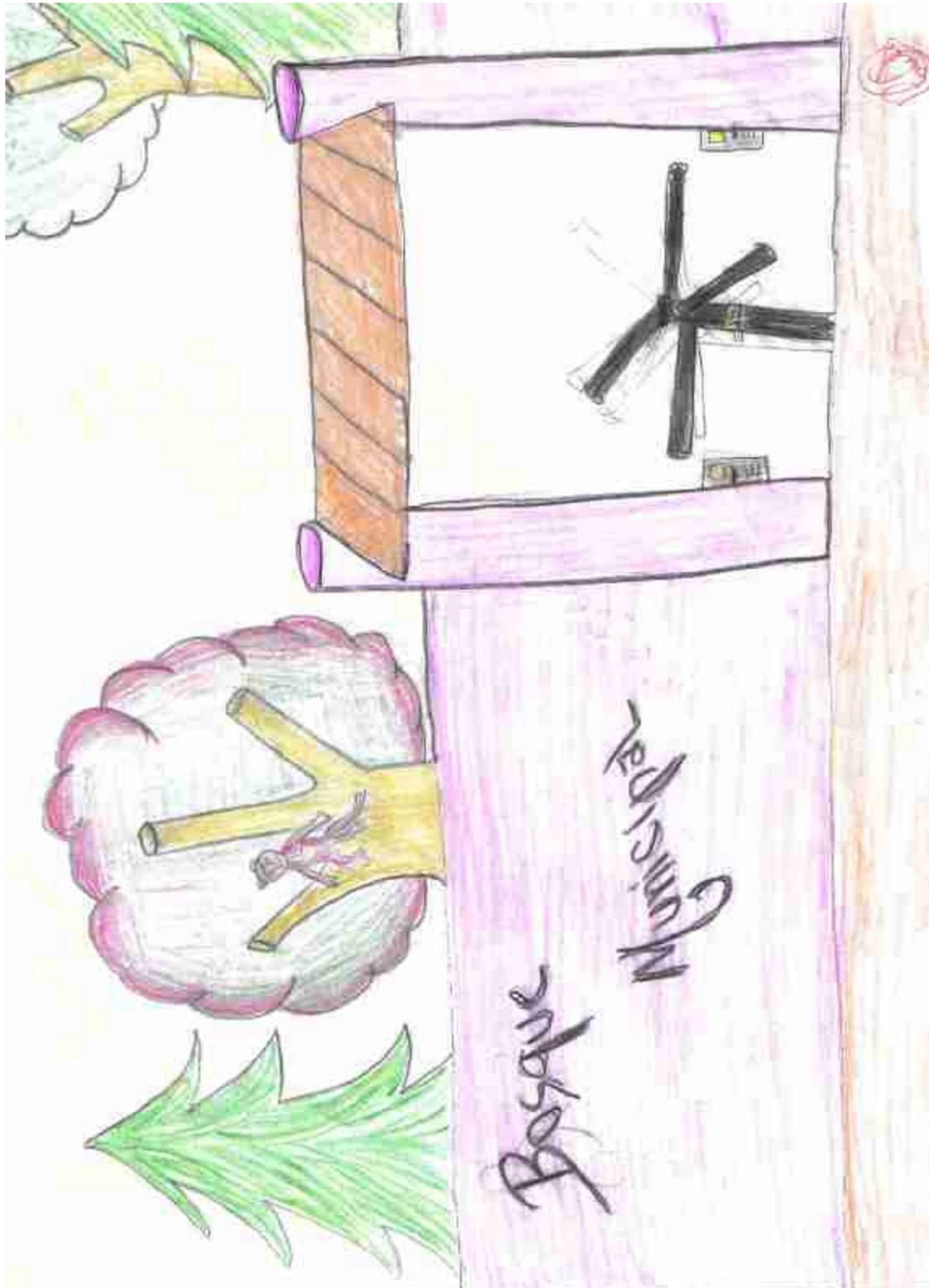


### **Casa da cultura de Pontal**

O caráter natural da cultura pode ser observado no fato de que as civilizações e até mesmo os seres inanimados são mortais. O seu declínio inelutável assinala o seu caráter orgânico. Lembramos também que os guias turísticos contemporâneos, ao guiarem pessoas em um passeio por uma paisagem ou uma cidade histórica, por exemplo, lembra-lhes com mais ou menos acuidade, a condição mortal desses locais, tendo estes que respeitar uma série de regras em prol da sua conservação. Na cidade de Pontal, o bosque municipal, espaço de caminhadas e jogos de xadrez foi muito citado pelas deficiências em sua conservação. Ele aparece abaixo, desenhado pelas alunas Gisele e Sara, alunas da 8ª série, as quais sugeriram que poderiam controlar a entrada no bosque usando uma roleta para a sua melhor conservação.



Gisele, 8ª série, 2007.



Sara, 6ª série, 2007.

O naturalismo dionisíaco é atravessado pelo trágico. Longe de transportar tudo para o futuro, em suas diversas formas, Dionísio, Deus das vinhas e do campo, vive no presente. Esse presenteísmo integra homeopaticamente a morte ao vivermos a nossa morte de todos os dias. Sobre isso, Michel Maffesoli (1999, p. 249) afirma: “tudo o que é cultura leva a marca da morte”, muito bem representada em um trabalho conjunto, parte do “Projeto Arte no Cotidiano” no ano de 2007.



**Projeto Arte no Cotidiano - Painel**

Por tudo isso, observamos que a ligação do mundo social e do mundo da vida, pode permitir o estabelecimento de um senso de responsabilidade em relação ao ecossistema, quando o sujeito, em solidariedade com os demais e a despeito dos problemas da cidade, matar a vida do cidadão de papel e assumir empiricamente o papel de cidadão.

## **CAPÍTULO 2**

### **IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE: O MUNDO BATE À PORTA E OS ALUNOS DEIXAM ENTRAR**

*Apenas o sábio nunca pára de ter constantemente o todo em mente, nunca esquece o mundo, pensa e age em relação com o cosmos.*

(GROETHUYSEN, Bernard)

No último capítulo trabalhamos com os imaginários e as representações da morte no mundo Ocidental, em especial, com as imagens construídas e reconstruídas ao longo do séculos XX e XXI. No interior desse objetivo estão colocadas as nossas intenções de apresentar os vários semblantes da morte de uma forma mais abrangente, em relação aos demais capítulos. Diversas foram as atividades e as formas de linguagem que estiveram à minha mão neste momento, dentre elas: poemas, comentários, ilustrações, filmes e outras formas de expressão cultural. Cabe ressaltar, que nessa fase do trabalho, estabeleceremos uma articulação entre o local e o global.

Sabemos que somos filhos do cosmos, mas, em função de nossa humanidade, cultura, espírito e consciência, tornamo-nos estranhos a esse mesmo cosmos do qual nos originamos e que, contudo, continua a ser para nós secretamente íntimo (MORIN, 2002). Assim, em um pequeno planeta perdido, feito de um agregado de detritos e de uma estrela desaparecida, fadada às convulsões, tormentas, erupções e terremotos, a vida surgiu das (re)ligações. Um turbilhão interligando macromoléculas teria criado a partir de si mesmo uma organização de complexidade superior, uma auto-eco-organização, da qual emergiram todas as qualidades e propriedades da vida. Nela, vegetais e animais diversificaram-se, proporcionando o desenvolvimento dos ecossistemas, conceituados por Morin, como organizações espontâneas advindas de interações entre unicelulares, vegetais, animais e meio geofísico. Esse conjunto por sua vez, formou a grande eco-organização auto-regulada que é a biosfera (MORIN, 2005). Apesar disso, nossa identidade animal foi por muito tempo mascarada pela civilização ocidental, cujos progressos foram pagos com uma terrível regressão de consciência, que chegou a considerar os animais como uma máquina (MORRIS, 1990). Apesar disso, hoje em dia, as telas de cinema exibem criativas produções em torno do reino animal, sendo esse um exemplo, de uma mudança de consciência, ao menos nos filmes, quanto a uma melhor forma de tratarmos os nossos irmãos do reino animal. Os alunos compartilharam dessa idéia quando assistiram aos filmes, “Happy Feet” e “O segredo dos Animais”. O primeiro deles, tratou de

temas que giraram em torno do preconceito, do estranhamento entre o bicho homem e o bicho pingüim, e do desequilíbrio que o primeiro ser provocou ao prejudicar com a pescaria inseqüente, a cadeia alimentar dos pingüins, ameaçados pelo perigo de morte. Esse tema é mais diretamente tratado no segundo filme, cujo resumo, uma aluna faz no seguinte trecho:

O filme trata de um boi que não quer assumir as suas responsabilidades, mas quando o seu pai é morto por coiotes, ele se sente obrigado a assumir a responsabilidade que o pai o concebia.

A mensagem do filme mostra a importância de nos esforçarmos muito para termos uma vida melhor porque hoje ela é incerta e tem um final, por isso, o filme mostra a importância de ouvir conselhos dos outros.

**(Marta, 8ª série, 2007)**

Diante do desafio de elaborar um comentário ilustrado sobre o filme, transportando a sua mensagem à vida cotidiana, os alunos fizeram comentários que nos lembraram dos nossos vínculos com o reino animal pela afirmação de que os animais “são de carne, osso, dente, têm sangue e têm sentimentos” (Júlia, 8ª série, 2007); além de falarem da insegurança gerada pela responsabilidade humana, pois: “somos o futuro, e se formos irresponsáveis, o futuro será inseguro” (Marcelo, 8ª série, 2007). Isso nos remonta à tão propagada incerteza lembrada por Morin, frente ao futuro da humanidade; gerando a necessidade de nos preocuparmos a partir do presente, lembrando-nos da idéia de presenteísmo, comentada no capítulo anterior, quando Maffesoli expõe que a ligação com a pregnância naturalista ensina o “viver sua morte de todos os dias” (MAFFESOLI, 1999, p. 250). Segundo a aluna Eliana (6ª série, 2007): “Devemos respeitar os animais, a natureza e todos os seres vivos. Devemos respeitar toda a obra de Deus”. O último verso nos lembra as análises de Durand trazidas por Maffesoli sobre o chamado “exemplarismo franciscano, enfatizando o fato de que o homem é encaixado na natureza, e que essa, na sua fauna e flora, é uma perpétua homenagem ao criador (MAFFESOLI, 1999, p.202). A idéia de conservação do ecossistema de Pontal no âmbito local e global, foi trabalhada transdisciplinariamente na escola durante as atividades artísticas e culturais que envolveram o projeto “Mutirão Verde” no segundo semestre de 2007. Elas estão representadas por um lindo painel feito de objetos recicláveis e uma foto da passeata que envolveu alunos, professores e funcionários.



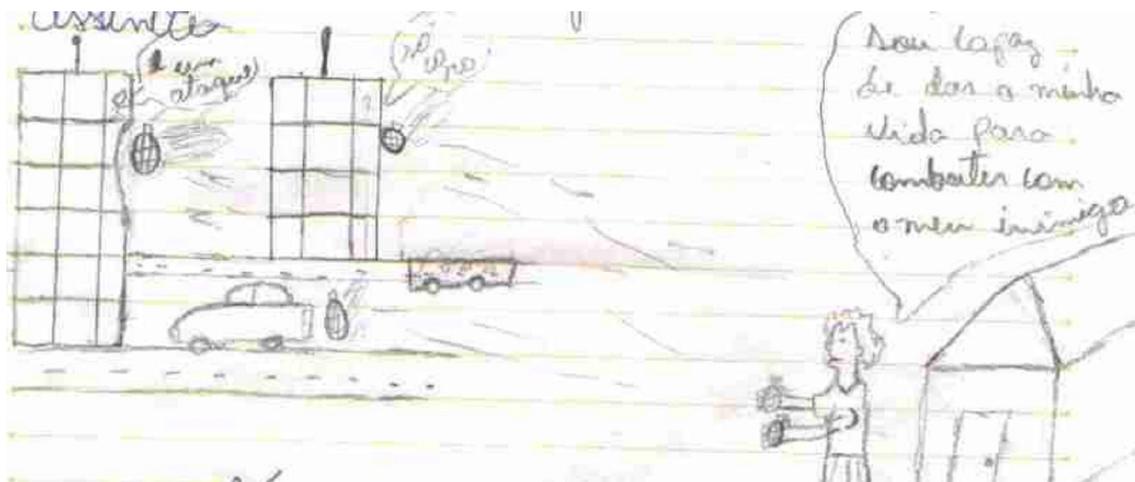
Após essas exposições, podemos dizer, que as sociedades animais de vertebrados e mamíferos conseguiram associar princípios de religação comunitária diante dos perigos ou inimigos externos e princípios de regulação das rivalidades no interior do grupo. As sociedades humanas, porém, são, ao mesmo tempo, rivais e comunitárias, organizando-se na

união pela discórdia ou pela concórdia. Morin (2005) comenta que na escala dos indivíduos ou na da história humana, vivemos na dialógica de criação-destruição, diante das catástrofes que se anunciam, tais como a aids, a poluição e o desemprego. A morte, vivenciada pelo poderio das armas desenvolvidas no século XX e pelo desânimo frente ao desemprego, está presente nas representações feitas em ocasião ao dia 11 de setembro ao relembrarmos a tragédia ocorrida nos EUA em 2001, a “Guerra Fria” durante os projetos “Copa do Mundo”, e “Arte no Cotidiano” demonstrando mais uma vez, que a idéia de morte, se faz presente, mesmo que indiretamente nas produções, no imaginário, nas representações e enfim, na vida dos estudantes.

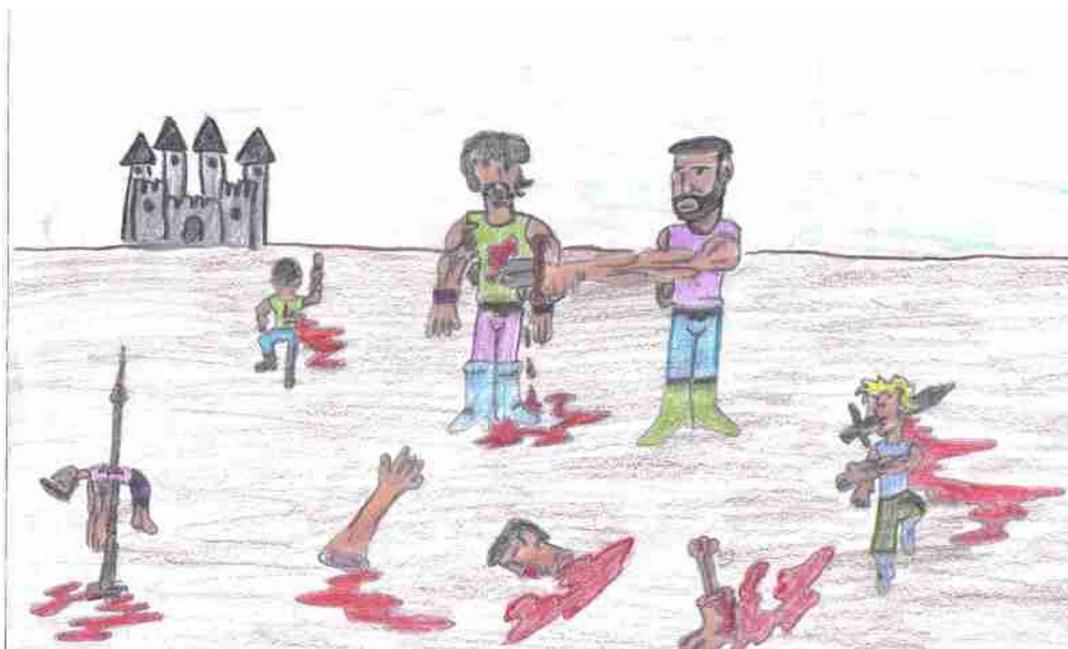


**Rafael, 6ª série, 2007.**

Notamos que a idéia do pós-morte, aparece nas fortes imagens que traz a tona, seres do mundo noológico, os anjos do bem e do mal, intermediários entre Deus e o mundo (CHEVALIER, 2006). É talvez esse último anjo, de acordo com a cultura ocidental, que preside a fala de um pequeno garoto representado por uma aluna ao dizer “sou capaz de dar a minha vida para combater um inimigo” (Mariana, 8ª série, 2007).

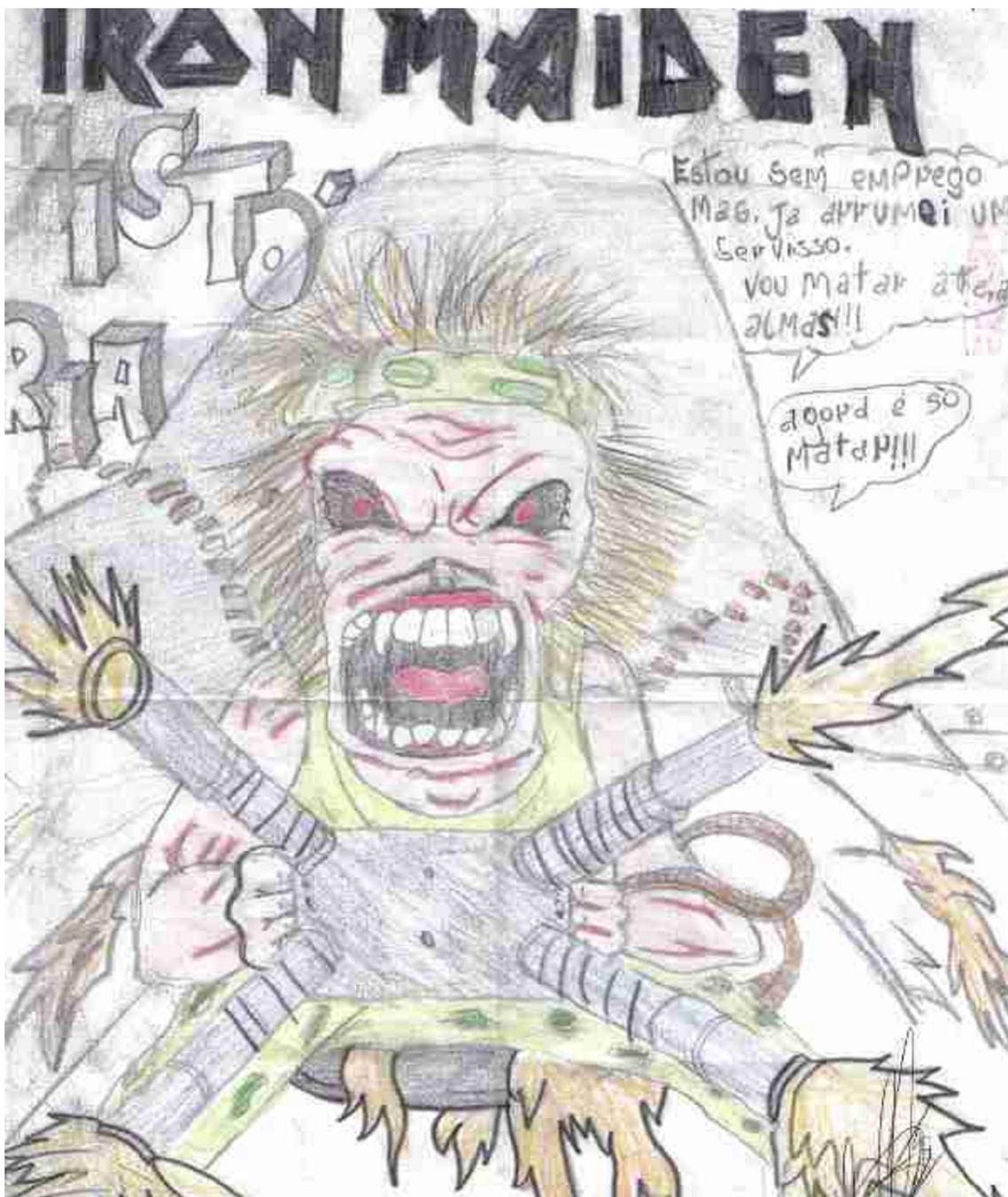


A discórdia entre países também é exibida por uma aluna em ocasião ao “Projeto Copa do Mundo” ao representar a Alemanha em meio a uma luta corporal sanguinária, apesar dos vivos e dos mortos, aparecerem em um cenário medieval. A mutilação, segundo Chevalier, desqualifica o inimigo.



**Romário, 5ª série, 2006**

A próxima figura, fruto do projeto “Arte no Cotidiano”, toca na questão do desemprego, trazendo uma imagem de violência bastante disseminada pela mídia. O matador, tem sede de vingança após ter arrumado um emprego. Podemos dizer que o século XX mostrou que as idéias têm potencialidades exterminadoras iguais as dos Deuses mais cruéis.



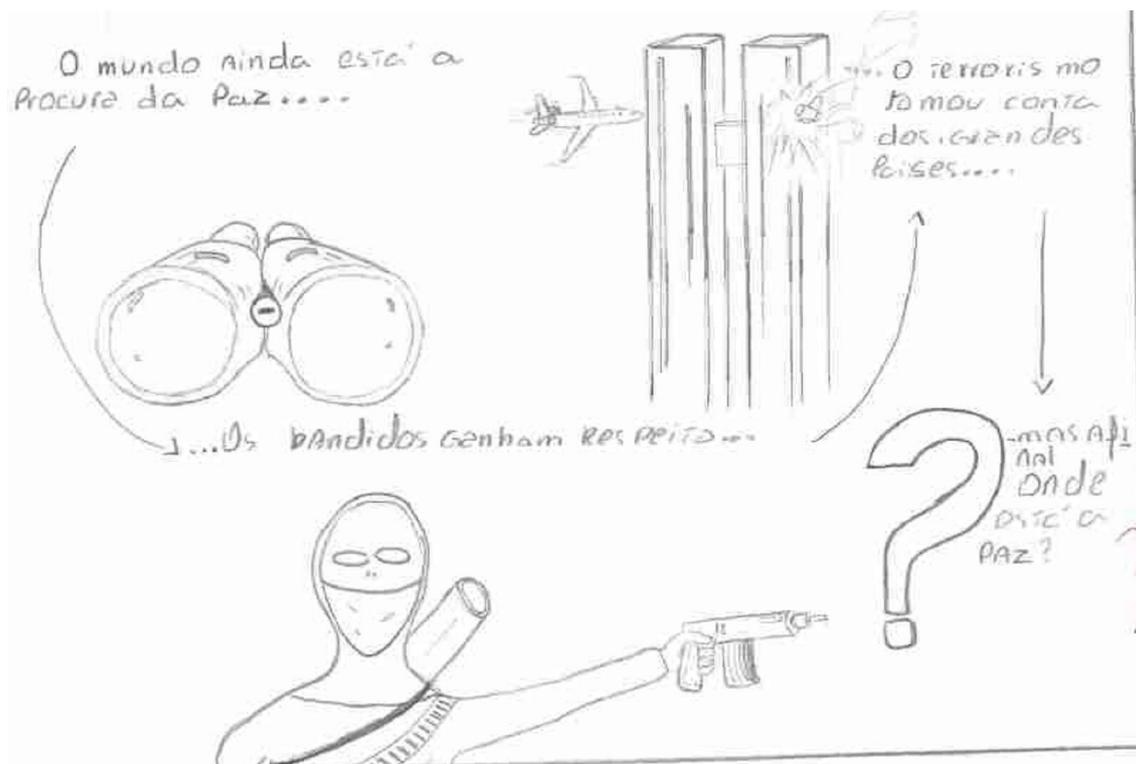
Jonas, 8ª série, 2007

A questão do desemprego foi mais uma vez mencionada em uma charge. Nela, a bandidagem e a violência aparecem como meio de vida.



Diego, 8ª série, 2007.

Na última imagem sobre a questão da violência, o aluno comenta sobre o respeito adquirido pelos bandidos ao escrever: *Os bandidos ganham respeito*. Infelizmente, essa idéia não foge da realidade de muitos alunos que admiram o mundo do crime.



Jonas, 8ª série, 2007

O pedido de paz também é feito nos poemas que se seguem.

Pra que tanta briga  
tanta destruição  
o mundo quer paz  
chega de bombardeio e poluição.

**Solange, 8ª série, 2007.**

Vida, a gente precisa  
Vida, o contrário de morte  
A gente precisa de vida  
E nunca de sorte.

**Bruna, 8ª série, 2007.**

Abaixo, o tema guerra e morte é escrito de forma criativa neste trecho:

11 de setembro  
O mundo parou  
O mundo adormeceu  
Junto com as vítimas que ali sofreu.

**Érica, 8ª série, 2007.**

Encerramos a temática com um trecho de um poema que engloba morte, progresso e trabalho ao versar:

Para que serve a guerra  
Porque terror ao invés de amor  
Porque morte ao invés de transporte  
Quem tem conforto é morto.

**Juliana, 6ª série, 2007**

Assim, reiteramos que não somos seres explicados somente pela cosmologia, pela física e pela biologia. Somos portadores de cultura na sua universalidade humana e nas suas características singulares. Nesse meio, podemos ser os criadores e as criaturas dos reinos da noosfera e da razão. Estamos enraizados no universo e na vida terrena, mas nos desenvolvemos além disso. Dentro desse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e também da desumanidade da humanidade (MORIN, 2002).

Segundo Morin, não existem apenas inovações e criações, mas também aniquilações, lembrando que os avanços da técnica, da indústria e do capitalismo trouxeram também a destruição de civilizações tradicionais. As destruições maciças e brutais chegaram do exterior, pela conquista e pelo extermínio que matou impérios e cidades da antiguidade. No século XVI, a conquista espanhola constituiu uma grande catástrofe para os impérios e civilizações dos Incas e dos Astecas. O século XX assistiu a queda do Império Otomano, do Império

Austro-húngaro e à implosão do Império Soviético. Além disso, comportou duas guerras mundiais e erupções totalitárias. Em meio a isso, tantos saberes, tantas obras de pensamento, tantas obras-primas foram perdidas, juntamente com milhares de vidas. Há também um enorme desperdício de aquisições e boas idéias que não foram integradas, mas, ao contrário, rejeitadas pelas normas, tabus, interdições.

A história é um complexo de ordem, desordem, organização e (re)ordenação, que obedece ao mesmo tempo a determinismos e aos acasos em que surgem incessantemente o *barulho e o furor*, tendo também duas faces opostas: “civilização e barbárie, criação e destruição, gênese e morte” (MORIN, 2003a, p. 83). É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. O homem deveria irrigar sua vida pela comunicação entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, em que projeta aspirações e esforços. Morin (2003a, p. 77)

O mundo confederado deve ser policêntrico e acêntrico, não apenas política, mas também culturalmente. O Ocidente que se provincializa sente a necessidade do Oriente, enquanto o Oriente quer permanecer ocidentalizando-se. O norte desenvolveu o cálculo e a técnica, mas perdeu a qualidade de vida, enquanto o Sul, tecnicamente atrasado, cultiva ainda qualidades de vida. Uma dialógica deve, de agora em diante, complementar Oriente e Ocidente, Norte e Sul.

Por fim, vimos que a mesma mídia que traz as faces da vida, traz as da morte. Cabe ao homem “racional”, em meio aos determinismos sociais, culturais, econômicos, etc., escolher em qual delas olhará, sabendo que o olho, símbolo do conhecimento, é também uma porta de entrada para alma, julgada, muitas vezes, por Deuses, anjos e demônios, do mundo concreto ou noológico, que trazem a vida, o progresso, a destruição e a morte. A resistência e a crueldade exigem aceitação do mundo. A ética<sup>8</sup> da resistência é também a ética da aceitação. Isso pede uma aceitação ao nosso destino de homo sapiens/demens do qual não podemos estirpar a loucura e deixar de aderir à vida, mas sim, aceitar a maldade objetiva que nos faz viver da morte dos outros, mas recusar a crueldade subjetiva que consiste em querer fazer mal, fazer sofrer, torturar. Morin (2003a) diz que a “vida resiste à morte incorporando a morte”. A ética resiste à crueldade, assumindo parte dela. E dessa forma, não podemos ignorar a idéia de morte natural ou cruel que se relaciona com o mundo vivo.

---

<sup>8</sup> Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana (MORIN, 2005, p.21).

Encerramos esse capítulo com um comentário e uma ilustração que muito bem articularam toda a temática trabalhada na dissertação. O comentário nos lembra da necessidade de se cultivar o amor, e a ilustração está em consonância com a idéia do senso comum, segundo o qual, assim como um gesto, uma imagem vale mais do que mil palavras.

A morte está presente em todos os momentos de nossa vida, morte cultural, morte psicológica. Ela nos mostra a perda de algo, no caso do filme, a morte de alguém que amamos. Muitas vezes sofremos com a perda, mas com o passar do tempo, a dor ameniza e conseguimos viver sem a pessoa que amamos. Como muitos dizem: o tempo cura tudo. Você aprende a viver sozinho, aprende a dar valor no que perde, e o mais importante, aprende que as pessoas que amamos são tiradas da nossa vida quando menos esperamos, por isso, nunca é tarde demais para dizer “eu te amo”, pois, pode ser a última vez... (Júlia, 8ª série, 2007).



## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS E PROVÁVEIS

*Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.*  
(PESSOA, Fernando)

No mar imenso de incertezas em que vivemos neste momento do século XXI, com este trabalho chegamos a algumas considerações provisórias e prováveis. Ao longo dos capítulos trabalhamos especialmente com o olhar dos alunos matriculados nas diversas séries do ensino fundamental. Tentamos identificar a presença, muitas vezes mascarada, da morte na existência humana pela leitura que os alunos fizeram da relação vida/morte. O nosso trabalho teve como eixo a conjunção entre cultura, imaginário, representações e ecossistema no espaço da escola pública. A nossa visão sobre tais temáticas esteve calcada no “Pensamento Complexo” sob a ótica de Edgar Morin. Com referência a esse aporte teórico, tivemos o cuidado de fazer uma interpretação dos dados empíricos, considerando alguns dos princípios identificadores desse tipo de pensamento, como a conjunção de conhecimentos.

Embora tenhamos feito a opção por uma pesquisa de campo qualitativa e pontual, ou seja, referente ao estudo de localidade, não deixamos de estar atentos para a objetivação do princípio hologramático. Sob esse princípio, Pascal, um grande pensador, já dizia:

[...] toda coisa é causada e causante ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que uni as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes, sem conhecer o todo, tão pouco conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes. (MORIN, 2003a).

Em outras palavras, podemos dizer que o local não só é o espaço da diversidade, mas também, contém a totalidade. Ancorados no Pensamento Complexo, consideramos que é possível estudar o todo a partir de um fragmento da realidade complexa. Enfim, o local guarda no seu interior o paradoxo da unicidade múltipla.

Sabemos que por toda a parte espalhou-se o câncer da incompreensão cotidiana, trazida pelos assassinatos psíquicos (“morra”), pela violência, que mata a nossa vontade de agir/reagir e pela redução do outro ao imundo (“esse merda”, “porco”, “sujo”). O mundo dos intelectuais, que deveria ser compreensivo, é um dos mais carregados “pela hipertrofia do ego” e pela necessidade de reconhecimento e de glória. Continuamos assim, na era das incompreensões mútuas e generalizadas (MORIN, 2005, p.112).

A compreensão complexa da vida/morte, engloba explicação, compreensão objetiva e compreensão subjetiva. Sendo multidimensional, não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa. O prefixo com, de complexidade e de compreensão, indica o laço de envolver, de tomar em conjunto; tendendo assim, a inserir nos seus contextos, a imaginação em torno das fontes psíquicas e individuais dos atos e das idéias de um outro, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas eventualmente perturbadas e perturbadoras, captando aspectos singulares e globais. Apesar das diversidades criativas, inerente a cada sujeito, a idéia de morte representada em nosso retalho de mundo, é compartilhada por diversos jovens no contexto global.

Percebe-se então que a compreensão humana vai além da explicação. Ela pode ser suficiente para o entendimento intelectual ou objetivo das coisas anônimas ou materiais, mas insuficiente para a compreensão do homem. Essa, comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. O outro não apenas é percebido objetivamente, mas como um outro sujeito com o qual nos identificamos. Compreender inclui necessariamente um processo de empatia, de identificação e de projeção. Intersubjetivo, o entendimento humano pede abertura, simpatia e generosidade (MORIN, 2003a). Todos morrem afinal.

A imensidão de trabalhos desenvolvidos no decorrer de dois anos, nos mostraram que de fato, a criatividade manifestada pela arte, é um dos motores que movem o mundo por gerar encantamentos, fontes geradoras de vida, que impediram a morte dessa dissertação. Ela, ainda em gestação, caminhou de fato sobre o fio da navalha. Entrei em uma viagem durante a qual apesar de ter sofrido a violência física e psicológica dos monstros marinhos, esta, não conseguiu matar por completo todo o *Eros* que me restou para continuar os estudos.

Gostaria por fim, de lembrar, que é mais fácil teorizar, do que praticar uma teoria, diante das várias mortes que ameaçam o trabalho dos educadores inseridos nas mais diversas profissões. Posso dizer que há pessoas trabalhando à margem da doente condição humana, há os curandeiros da alma, que nos alimentam ao demonstrarem interesse pelo conhecimento, pela arte que produzem e pelo estímulo e carinho que nos proporcionam. É desse tratamento que precisamos!

Pela arte de vivenciar a compreensão, a solidariedade e a responsabilidade não nos embrutecemos, apesar de entregues, atualmente, a um mundo mortal que ignora a comunhão. Deveríamos, dessa forma, aproveitar melhor o nosso dia. Portanto, *Carpe Diem!*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. C. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA, 2001.
- \_\_\_\_\_.; KNOBB, M. (Org.). **Polifônicas idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- ARIES, F. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Laves, 1977.
- \_\_\_\_\_. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ATLAN, H. **A ciência é inumana?** São Paulo: Cortez, 2004.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
- CARVALHO, E. A. **Enigmas da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CATÃO, F; VILLELA, M. (Org.). **O Monopólio do Sagrado**. São Paulo: Best Seller, 1994.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- DURAND, G. **A fé do sapateiro**. Brasília, DF: Ed. UnB, 1995.
- ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GALENO, A; CASTRO C; SILVA, J (Org.). **Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GUERREIRO, S. (Org). **Antropos e psique: o outro e a sua subjetividade**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JANSON, H. W; JANSON, A. F. **Iniciação à história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARTINS, J. S (Org). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, C (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.

MORIN, E. **A religação dos saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **Diálogo sobre o conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

\_\_\_\_\_. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

\_\_\_\_\_. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Portugal Publicações, 1989.

\_\_\_\_\_. **O método 4: as idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

\_\_\_\_\_. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O paradigma perdido: a natureza da natureza**. Lisboa: Europa – América, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2003b.

MORRIS, D. **O contrato animal**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

PENA-VEGA, A. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamonde, 1999.

PETRAGLIA, I. C. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, Vozes, 1995.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

QUEIROZ, J. J (Org.). **Interfaces do sagrado**. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

REIS, J. J. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBAS, J. B. C. O olhar. In: GUERREIRO, S. (Org.). **Antropos e psique:** o outro e a sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SEIXAS, Raul. **Metamorfose ambulante.** 1973. Disponível em:  
<<http://letras.terra.com.br/raul-seixas/48317/>>. Acesso em: 6 nov. 2007.

ZAIDHAFT, S. **Morte e formação médica.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.